

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM TEOLOGIA

ROSANA SANTOS VASCONCELOS BISPO

**PROPOSIÇÃO DE DIÁLOGOS INTER-RELIGIOSOS EM CONTEXTOS
ESCOLARES PÚBLICOS, NO ENSINO MÉDIO, PARA A PROMOÇÃO DO
RESPEITO ÀS DIVERSIDADES RELIGIOSAS**

São Leopoldo

2022

ROSANA SANTOS VASCONCELOS BISPO

**PROPOSIÇÃO DE DIÁLOGOS INTER-RELIGIOSOS EM CONTEXTOS
ESCOLARES PÚBLICOS, NO ENSINO MÉDIO, PARA A PROMOÇÃO DO
RESPEITO ÀS DIVERSIDADES RELIGIOSAS**

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Teologia
Área de Concentração: Religião e
Educação
Linha de Atuação: Educação Comunitária
com Infância e Juventude

Pessoa Orientadora: Prof. Dr. Oneide Bobsin

São Leopoldo

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B622p Bispo, Rosana Santos Vasconcelos
Proposição de diálogos inter-religiosos em contextos
escolares públicos, no ensino médio, para a promoção do
respeito às diversidades religiosas / Rosana Santos
Vasconcelos Bispo ; orientador Oneide Bobsin. – São
Leopoldo: EST/PPG, 2022.
108 p. : il. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de
Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,
2022.

1. Diversidade religiosa. 2. Diálogos inter-religiosos. 3.
Pluralismo religioso. 4. Ensino Médio. I. Bobsin, Oneide,
orientador. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

ROSANA SANTOS VASCONCELOS BISPO

**PROPOSIÇÃO DE DIÁLOGOS INTER-RELIGIOSOS EM CONTEXTOS
ESCOLARES PÚBLICOS, NO ENSINO MÉDIO, PARA A PROMOÇÃO DO
RESPEITO ÀS DIVERSIDADES RELIGIOSAS**

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Teologia
Área de Concentração: Religião e
Educação
Linha de Atuação: Educação Comunitária
com Infância e Juventude

Data de Aprovação: 09 de janeiro de 2023

PROF. DR. ONEIDE BOBSIN (PRESIDENTE)

PROF.^a DR.^a LAUDE ERANDI BRANDENBURG (EST)

PROF.^a DR.^a MARIA JOSÉ COSTA LIMA (FBN)

Assinado digitalmente
por
Laude Erandi
Brandenburg
Data: 06/02/2023
15:55:16 -03:00



Assinado
digitalmente por
Oneide Bobsin
Data: 06/02/2023
16:06:13 -03:00



Dedico esse trabalho a todas as pessoas que foram, são ou estão abandonadas, abatidas, aflitas, apoucadas, aviltadas, constrangidas, depreciadas, deprimidas, desconsideradas, desdenhadas, desestimadas, desmerecidas, desonradas, desprezadas, desvalorizadas, difamadas, diminuídas, discriminadas, entristecidas, escanteadas, estereotipadas, estigmatizadas, excluídas, expulsas, humilhadas, infelizes, invisibilizadas, malbaratadas, marginalizadas, menoscabadas, menosprezadas, preteridas, rebaixadas, regateadas, reduzidas, subestimadas, subjugadas, por motivos de Intolerância Religiosa.

AGRADECIMENTOS

A Deus
Inteligência Suprema, causa primária de todas as coisas.

Aos Espíritos benfeitores
Amigos celestiais da humanidade.

A Jesus Cristo
Mestre dos mestres.

A Martinho Lutero
Precursor dos diálogos inter-religiosos.

A Allan Kardec
Decodificador de religião multicultural, baseada em filosofia e doutrina.

À Minha Família
Diversidade Religiosa intensa.

Ao Meu Cônjuge
Parceria constante, mesmo seguindo credos diferentes.

Aos amigos/ Às amigas
Respeito às escolhas com reciprocidade.

Aos meus alunos/ Às minhas alunas
Fomentando sempre o direito à liberdade de expressão.

*Eia, desçamos e confundamos ali a sua
língua, para que não entenda um a língua
do outro.
(Gênesis, 10,7).*

*Por isso, se chamou o seu nome Babel,
porquanto ali confundiu o SENHOR a
língua de toda a terra e dali os espalhou o
SENHOR sobre a face de toda a terra.
(Gênesis, 11, 9).*

*Nisto não há judeu nem grego; não há
servo nem livre; não há macho nem
fêmea; porque todos vós sois um em
Cristo Jesus.
(Gálatas 3,28).*

*E disse-lhes: Vós bem sabeis que não é
lícito a um varão judeu ajuntar-se ou
chegar-se a estrangeiros; mas Deus
mostrou-me que a nenhum homem
chame comum ou imundo.
(Atos dos apóstolos 10, 28).*

RESUMO

O assunto do trabalho, aqui em pauta, diz respeito à Diversidade Religiosa, e a finalidade desta pesquisa é a de apresentar a importância da proposição de diálogos inter-religiosos em contextos escolares de âmbito público estadual, visando a minimização do problema do desrespeito às religiosidades das alteridades, que é bastante perceptível nesses espaços educativos. Tal evento é identificado por meio de atitudes intolerantes por parte de algumas pessoas que estão inseridas na comunidade escolar, sejam elas docentes, discentes, pais e mães, funcionários/as, dentre outras pessoas partícipes do ambiente educativo. Sabe-se que a escola, na maioria das vezes, reproduz os valores que a sociedade impõe como sacros, verdadeiros e únicos, e tal situação é perceptível quando aspectos ligados aos preconceitos e às discriminações, de um modo geral, são visivelmente observados neste local, tendo como exemplos os comportamentos excludentes das pessoas supramencionadas, que subjagam a religião ou a religiosidade das outras. Portanto, neste trabalho de pesquisa, o enfoque está voltado para uma revisão teórica bibliográfica com abordagem qualitativa, num processo investigativo, em que há uma correlação dialógica com obras de autores/as como Cecchetti, Hall, Junqueira, Locke, dentre outros/as, que enfatizam a ideia do respeito às Diversidades Religiosas; autores/as como May, Marchetto, Kronbauer, Sanchez, que trazem contribuições sobre o pluralismo religioso e autores/as como Alves, Boff, Crestani, Marcuse, que asseveram sobre a importância do diálogo inter-religioso nas instituições de ensino e na sociedade de um modo geral. O tema central dessa dissertação girou em torno da Intolerância Religiosa, que é um dos aspectos mais excludentes, podendo ser entendida como um ranço da realidade social brasileira e que termina desembocando intensamente na escola. Percebe-se então que, no ambiente educativo, as questões relacionadas às Diversidades Religiosas nunca foram tratadas com o devido cuidado, onde apenas as religiões tradicionais eram valorizadas e evidenciadas, em detrimento das outras que eram tidas como menores. Na verdade, os contextos escolares refletem os interesses da sociedade, que por sua vez, estão atrelados, principalmente, às questões políticas. A partir da constatação de desrespeito religioso em contextos escolares, surgiu a proposta desta dissertação, que objetivou levantar conhecimentos e reconhecimentos sobre as Diversidades Religiosas existentes em nosso país, por meio de diálogos inter-religiosos, no intuito de minimizar o clima da Intolerância Religiosa, como também o de promover a apreciação desse vasto leque de religiosidades e de religiões na atual realidade social brasileira. Por sua vez, os diálogos inter-religiosos seriam fomentados através de textos motivadores, a partir de gêneros literários (letras de músicas literárias, poemas, poesias, contos, crônicas e romances) e não literários (letras de músicas não literárias, notícias, artigos jornalísticos e propagandas), dentre outros suportes textuais, no intuito de sistematizar a proposta do trabalho aqui evidenciado.

Palavras-chave: Contextos Escolares. Diálogos Inter-religiosos. Diversidades Religiosas. Gêneros literários e não literários.

ABSTRACT

The subject of the work, here being discussed, concerns Religious Diversity, and the purpose of this research is to present the importance of proposing inter-religious dialogues in school contexts of the public state scope, aiming at minimizing the problem of disrespect for religiosities of different groups, which is quite noticeable in these educational spaces. Such an event is identified through intolerant attitudes on the part of some people who are part of the school community, whether they are teachers, students, fathers and mothers, employees, among other people participating in the educational environment. It is known that the school, most of the time, reproduces the values that society imposes as sacred, true and unique, and this situation is noticeable when aspects related to prejudice and discrimination, in general, are visibly observed in this place, taking as examples the exclusionary behaviors of the aforementioned people, who subjugate the religion or religiosity of others. Therefore, in this research work, the focus is on a theoretical bibliographic review with a qualitative approach, in an investigative process, in which there is a dialogic correlation with works by authors such as Cecchetti, Hall, Junqueira, Locke, among others, that emphasize the idea of respect for Religious Diversities; authors such as May, Marchetto, Kronbauer, Sanchez, who bring contributions on religious pluralism and authors such as Alves, Boff, Crestani, Marcuse, who assert the importance of interreligious dialogue in educational institutions and in society in a general way. The central theme of this dissertation revolved around Religious Intolerance, which is one of the most excluding aspects, which can be understood as a grudge of Brazilian social reality and which ends up flowing intensely into the school. It can then be seen that, in the educational environment, issues related to Religious Diversities were never treated with due care, where only traditional religions were valued and highlighted, to the detriment of others that were considered minor. In fact, school contexts reflect the interests of society, which in turn are mainly linked to political issues. From the observation of religious disrespect in school contexts, the proposal of this dissertation arose, which aimed to raise knowledge and recognition about the Religious Diversities existing in our country, through inter-religious dialogues, in order to minimize the climate of Religious Intolerance, as well as to promote the appreciation of this vast range of religiosities and religions in the current Brazilian social reality. In turn, inter-religious dialogues would be fostered through motivating texts, from literary genres (lyrics to literary songs, poems, poetry, short stories, chronicles and novels) and non-literary (lyrics to non-literary songs, news, articles and advertisements), among other textual supports, in order to systematize the proposal of the work evidenced here.

Keywords: School Contexts. Interreligious Dialogues. Religious Diversities. Literary and non-literary genres.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	17
2 VISÃO RELIGIOSA PLURALISTA NO MUNDO.....	23
2.1 RECONHECENDO A PLURALIDADE DO MUNDO GLOBALIZADO.....	27
2.2 A DIVERSIDADE RELIGIOSA NA REALIDADE PLURAL BRASILEIRA.....	31
2.3 TENSÕES ENTRE A IDENTIDADE SOCIAL E A DIVERSIDADE RELIGIOSA NO BRASIL.....	34
2.4 A BONITEZA DO RESPEITO ÀS DIVERSIDADES RELIGIOSAS: ESCOLA E FAMÍLIA DESPONTANDO-SE PARA AS ALTERIDADES.....	37
2.5 DESPERTANDO A JUVENTUDE PARA A CONVIVÊNCIA NUM MUNDO PLURAL.....	43
3 O PAPEL SOCIAL DA ESCOLA NO ACOLHIMENTO ÀS DIVERSIDADES RELIGIOSAS.....	49
3.1 A ESCOLA COMO UM ELO PARA A EMANCIPAÇÃO DA CLIENTELA ESTUDANTIL.....	51
3.2 O CUIDADO NECESSÁRIO NO LIDAR COM AS ALTERIDADES.....	59
3.3 PROPOSIÇÃO DE DIÁLOGOS INTER-RELIGIOSOS EM CONTEXTOS ESCOLARES PÚBLICOS, NO ENSINO MÉDIO, PARA A PROMOÇÃO DO RESPEITO ÀS DIVERSIDADES RELIGIOSAS.....	64
3.4 FOMENTANDO DIÁLOGOS INTER-RELIGIOSOS: DA ESCOLA PARA O MUNDO.....	68
3.5 A IMPORTÂNCIA DA LAICIDADE PARA A VALIDAÇÃO DO RESPEITO ÀS DIFERENÇAS.....	74
4 CONCLUSÃO.....	79
REFERÊNCIAS.....	83
ANEXO A – PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA.....	99
ANEXO B – CAFÉ LITERÁRIO.....	99
ANEXO C – SUGESTÃO DE GÊNEROS LITERÁRIOS E NÃO LITERÁRIOS COMO SUPORTES TEXTUAIS PARA A PROPOSIÇÃO DOS DIÁLOGOS INTER-RELIGIOSOS PARA A DESCONSTRUÇÃO DA INTOLERÂNCIA RELIGIOSA, COMEÇANDO NO AMBIENTE ESCOLAR	107

1 INTRODUÇÃO

Na atualidade, as escolas brasileiras, sejam do âmbito público ou privado, ainda guardam resquícios da Intolerância Religiosa de outros tempos, em que apenas uma religião era ensinada como única e verdadeira. Nesses espaços educativos, onde algumas pessoas discentes eram discriminadas por suas escolhas religiosas, na maioria das vezes, tinham que omitir sobre os seus segmentos religiosos para não serem excluídas dos grupos sociais em que estavam inseridas, tanto no interior quanto no entorno da unidade escolar. Sabendo-se que o discurso da Intolerância Religiosa é evidente na sociedade brasileira como um todo, a escola não foge a essa realidade, por mais que o tempo tenha passado, ainda é muito difícil romper com essa estrutura tácita, que tem acentuado e intensificado os processos de segregação social em vários níveis.

Por isso, é preciso que todos os setores sociais busquem transmutar a realidade aqui apresentada, de modo a reverter essa problemática do desrespeito às Diversidades Religiosas. E o art. 5, VI da Constituição Federal de 1988 assegura o direito de liberdade de crença.¹ Portanto, a escola tem um papel social de grande relevância e poderia contribuir consideravelmente para a reversão dessa problemática. Nos tempos de globalização, em que as relações entre as pessoas se estabelecem efetivamente pelas redes sociais, não caberia mais a manutenção da ideia de intolerância, propagada por outras pessoas que não querem ver o bem-estar da coletividade.

Se a humanidade está caminhando nesse viés do advento tecnológico, seria muito importante que todos e todas se respeitassem mutuamente, para que as diversidades socioculturais de cada grupo social fossem valorizadas e validadas por pessoas pertencentes a outros grupos sociais adversos aos seus. A partir dessas constatações, entende-se que o ambiente educativo poderia ser um espaço de promoção de diálogos para minimizar muitos conflitos sociais, e se os grupos de trabalho do estabelecimento de ensino se unissem para realizar ações em prol da

¹ BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm/ Acesso em: fev. 2021, on-line.

resolução desse problema, certamente, poderiam alcançar não somente o público das pessoas discentes, como também se estenderiam às comunidades do entorno, bem como aos familiares das pessoas jovens aprendizes, o que seria de grande relevância para todas as pessoas envolvidas.

Dessa forma, o presente trabalho pauta-se na proposição de diálogos inter-religiosos em escolas das redes públicas estaduais, especificamente com as turmas do Ensino Médio, já que se pressupõe a maturidade dessa clientela juvenil para participar de eventos como esse. A ideia da realização dessa dissertação foi pensada com base no diagnóstico de discursos segregados no âmbito da religiosidade, por parte de pessoas adeptas de religiões tradicionais brasileiras, em que algumas delas discriminavam participantes de outros credos, a tal ponto dessas pessoas serem excluídas das relações sociais das quais faziam parte, desde as comemorações entre amigos/as e familiares, até às partidas de futebol, nas localidades em que moravam.

Esse problema terminou alcançando o interior dos muros da escola, onde nota-se a força do desrespeito às Diversidades Religiosas. Essa proposta de diálogos inter-religiosos poderia trazer muitas e profundas reflexões para as pessoas integrantes da instituição de ensino (caso demonstrem ser intolerantes religiosas), pois propiciaria benefícios incalculáveis para toda a comunidade escolar. Esse discurso é preconizado nos Parâmetros Curriculares Nacionais,

[...] uma proposta curricular voltada para a cidadania deve preocupar-se necessariamente com as diversidades existentes na sociedade, uma das bases concretas em que se praticam os preceitos éticos. É a ética que norteia e exige de todos, e da escola e educadores em particular, propostas e iniciativas que visem à superação do preconceito e da discriminação [...].²

Assim, a escola estando aberta a diálogos para minimizar problemas aí ocorrentes, como também objetivando equacioná-los, estaria praticando os preceitos éticos, superando ideias preconceituosas e discriminatórias.

Portanto, pautando-se nessa e em outras referências, que serão evidenciadas na apresentação desse trabalho, seria muito oportuno que a unidade

² BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Pluralidade cultural: orientação sexual. 3. ed. Ministério da Educação. Brasília: A Secretaria, 2001, p. 35.

escolar fomentasse esse clima de dialogicidade, e que as pessoas aí inseridas estejam e sejam preparadas para esse fim, que certamente traria um benefício coletivo, e as relações sociais seriam formadas baseadas no respeito mútuo. Conforme Oliveira, “[...] a escola é o espaço onde se encontra a maior diversidade cultural e é o local mais discriminador.”³ Analisando essa afirmativa, é perceptível que muitos problemas sociais que alcançam a unidade escolar não são resolvidos a contento, por falta de propostas pedagógicas interventivas que venham contribuir para a sua minimização, ou até mesmo, para a sua equacionalização.

Contudo, se as equipes de trabalho da instituição de ensino se empenharem ao favorecimento do respeito às diversidades, sejam elas mais abrangentes, ou do âmbito cultural, religioso, dentre outros, possivelmente, os preconceitos e as discriminações que migram para os ambientes educativos seriam rechaçados antes de se tornarem tácitos. No entanto, seria de grande relevância conscientizar as pessoas sobre essa questão, e sobre o papel social da escola na transmutação da problemática do desrespeito religioso.

Entende-se, a partir do pensamento de Von, que “[...] se a educação é um dos meios mais apropriados de se precaver a intolerância [...]”⁴ é preciso formar pessoas docentes abertas a outras culturas, capazes de apreciar as diferenças e evitar conflitos ou resolvê-los de forma pacífica, promovendo atividades com a participação das famílias, dentre outras ações que possam contribuir para o respeito às alteridades.

Por isso, a escola poderia ser um local aberto aos diálogos inter-religiosos, promovendo assim, um clima favorável ao respeito às diferenças. E o discurso da Intolerância Religiosa é bastante visível no ambiente de ensino, porque, na maioria das vezes, não há ocorrência de ações, principalmente pedagógicas, que minimizem o desrespeito às Diversidades Religiosas e que acolham as vivências e as experiências religiosas de todos e de todas, inseridos/as neste contexto educativo. A

³ OLIVEIRA, Eliana de. **Identidade, intolerância e as diferenças no espaço escolar**: questões para debate. Revista Espaço Acadêmico. Ano I. Nº 7. Disponível em: <https://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/espacoacademico>. Acesso em: 17 ago. 2021, on-line.

⁴ VON, Cristina. **Cultura de paz**: o que os indivíduos, grupos, escolas e organizações podem fazer pela paz no mundo. São Paulo: Editora Petrópolis, 2003, p. 40.

partir dessa observação, como despertar na comunidade escolar o acolhimento às diversidades no âmbito religioso?

No entanto, nota-se que há algumas pessoas que dão ênfase aos seus discursos proselitistas e de conversão, de modo a incutir nas mentes das outras pessoas seguidoras de religiões não tradicionais, e principalmente daquelas de matrizes africanas, que essas estão sendo conduzidas por caminhos errôneos. Baseando-se nessas considerações, de que maneira a instituição escolar poderia contribuir na reversão dessa problemática? Como as pessoas docentes poderiam participar efetivamente para a resolução desse problema? E é nesse contexto que surge o desejo da realização de fomentar diálogos inter-religiosos na escola. Quando não há a ocorrência dessa dialogicidade, a subestimação cultural se faz presente, pelo viés da unilateralidade, ou seja, só há a sublevação de uma voz, em detrimento de outras.

Tal evento é uma situação bastante constrangedora, visto que não promove a cidadania das pessoas, no sentido de que a própria constituição lhe garante como direito, o Estado de laicidade. A partir dessas constatações, observa-se que a escola acompanha, dá prosseguimento e acentua os preconceitos e as discriminações das mais diversas ordens, que assombram as minorias, quando não abre espaço para a dialogicidade, tão imprescindível à fomentação pelo respeito às alteridades. Por que será que isso acontece?

Portanto, refletindo sobre essa problemática, que ações a escola poderia desenvolver para cumprir o seu papel social na resolução dessa situação conflituosa, a fim de promover todos e todas, sem excluir aqueles e ou aquelas que pensam de maneira adversa ao que foi colocado como padrão? Como conscientizar as pessoas envolvidas na escola para esse propósito? É nesse sentido, que ações pontuais como diálogos inter-religiosos, debates e discussões visando o respeito às Diversidades Religiosas seriam de grande relevância para a minimização desta problemática.

A realização de discussões, debates e diálogos fundamentados na moral, na ética, na justiça, na tolerância, na liberdade e na igualdade de direitos contribuiria, de maneira ímpar, para o despertar do respeito às Diversidades Religiosas, bem como para a defesa da laicidade. Nesse sentido, além de ser um trabalho bastante relevante, porque solucionaria parcialmente conflitos das mais diversas

ordens, sobretudo os que são referentes à religiosidade, favorecendo a integração entre todos e todas, elevando a autoestima das pessoas participantes, principalmente da clientela estudantil, também oportuniza a quebra de estereótipos e de estigmas que são atribuídos aos adeptos e às adeptas de religiões não tradicionais brasileiras.

Portanto, o motivo da escolha desse assunto está diretamente atrelado ao desejo de contribuir com a mudança da mentalidade da população brasileira quanto ao aspecto da Intolerância Religiosa, partindo da unidade escolar, mediante a realização de diálogos inter-religiosos e outras propostas de fomentação ao respeito às Diversidades Religiosas, e se estendendo a outros espaços sociais. A Intolerância Religiosa não está restrita apenas a alguns locais, ela está presente em todo Brasil. Contudo, se os cidadãos e as cidadãs de todas as realidades sociais do país, se mobilizassem no sentido de combatê-la, por meio de ações interventivas, provavelmente, o problema poderia ser minimizado.

A partir dessas sinalizações, o trabalho aqui em foco está dividido em introdução, dois capítulos e conclusão, que se entrelaçam no discorrer de cada linha escrita. O primeiro capítulo faz uma abordagem geral da Diversidade Cultural na Realidade Plural Brasileira, em que são apresentadas a Visão Religiosa Pluralista no Brasil e no Mundo e a Diversidade Religiosa, especificamente no Brasil. No segundo capítulo, há uma apresentação do Papel Social da Escola no Acolhimento às Diversidades Religiosas, a Importância da Laicidade, dos Direitos Humanos e da Educação para a Diversidade Religiosa. Neste último capítulo, há uma sequência de Práticas Educativas Exitosas para a Convivência na Diversidade, por meio da Proposição dos Diálogos Inter-religiosos. E, por fim, a Conclusão, onde o trabalho é encerrado com as Considerações Finais. Seguem-se a esses capítulos, as referências utilizadas na produção textual dessa dissertação, bem como os anexos.

2 VISÃO RELIGIOSA PLURALISTA NO MUNDO

Na Idade Média, as certezas eram estabelecidas pelo universo religioso. Tanto do ponto de vista da sociedade como do da consciência pessoal, as referências já estavam determinadas e eram coerentes com a visão de mundo sacralizada que permeava as estruturas sociais e as relações pessoais. A instituição religiosa, nesse universo, tinha um papel crucial: ela era a matriz ideológica que formulava a visão de mundo e que validava a organização social.⁵

Na contemporaneidade, nos contextos da globalização, percebe-se que o mundo realmente mudou, posto que as visões unilaterais propagadas em épocas remotas não cabem mais na sociedade digital, onde a diversidade cultural acentua-se a cada dia, pelo próprio movimento percebido nas relações humanas, em que os povos com os mais diferentes costumes e tradições são visibilizados nas redes sociais, acessadas num simples clicar de uma tecla no computador.

Diante dessas considerações, entende-se que a instituição religiosa, que exercia um excelso domínio sobre as pessoas em outros tempos, hoje não tem a mesma força ideológica devido à principal aspiração das pessoas do mundo moderno, que é o de serem respeitadas em suas escolhas, sejam elas culturais, políticas, religiosas, afetivas, dentre outras.

Estão ocorrendo enormes mudanças sociais: hoje, metade da população humana mora em cidades, e o acesso aos meios de comunicação de massa está modificando a maneira como as pessoas entendem a si mesmas e as outras que as rodeiam. A internet proporciona um acesso a informações que seria inimaginável poucos anos atrás, e nenhum governo consegue mais controlar o fluxo de ideias. Nisso tudo, o papel e a importância da religião são uma história que não se ouve com frequência [...] onde é possível a começar a ver como o mundo de hoje e de amanhã está tomando forma e em que as religiões talvez possam dar continuidade a

⁵ SANCHEZ, Wagner Lopes. **Pluralismo religioso**: as religiões no mundo atual. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2010. (Coleção temas do ensino religioso), p. 42-43.

sua função milenar de ajudar a compreender este mundo e definir o papel de cada um/uma nele.⁶

Sabe-se que durante muitos séculos a igreja monopolizou as relações sociais, e como a sua ideologia era a sacralização de sua soberania e a subestimação das culturas que eram tidas como menores, conseguiu dessa forma um efetivo domínio sobre a maioria das populações da Terra. Tal evento contribuiu negativamente para o desenvolvimento social dos povos com valores culturais díspares daqueles que eram tidos como superiores, pela força do poder político que possuíam.

No entanto, como as sociedades humanas caminham para o progresso, os povos tidos como periféricos “lutaram” para serem reconhecidos em suas diversidades ideológicas. Desde então, têm procurado cotidianamente manter vivos os seus objetivos de emancipação em vários âmbitos e têm logrado êxito, pois as “lutas” são cotidianas. Nesse sentido, como o mundo moderno está possibilitando que todas as pessoas tenham visibilidade em suas ideologias, seria de grande relevância afirmar o direito de voz, ou seja, oportunizar à humanidade como um todo, que as suas visões de mundo e sobre o mundo sejam aceitas e também valorizadas.

Um dos aspectos do paradigma moderno é justamente aquele que diz respeito à pluralização de cosmovisões. O paradigma moderno vai dar espaço para a convivência de diversas cosmovisões com nuances religiosas ou não. Essa pluralização das visões, valores e práticas religiosas é concomitante com a pluralização de outras visões e valores de fundo não-religioso. A pluralização da religião é, conseqüentemente, um fenômeno concomitante com a pluralização das visões de mundo em geral.⁷

De acordo com Sanchez, o diálogo vai ser fundamental para a concretização do pluralismo religioso e, o pensamento acerca da ideia de diversidade será uma das características da Modernidade. Para o autor, há quatro pressupostos na raiz do diálogo, que são: a ruptura do monopólio religioso, a pluralização de cosmovisões, a relativização de certezas e o cenário da democracia.

⁶ O'BRIEN, Joanne; PALMER, Martin. **O atlas das religiões: o mapeamento complexo de todas as crenças**. Tradução de Mário Vilela. São Paulo: Publifolha, 2008, p. 95.

⁷ SANCHEZ, 2010, p. 41-42.

Assim, a ideia de Sanchez vai ao encontro das necessidades evolutivas das populações inseridas no mundo moderno, que por sua vez estão completamente entrelaçadas às diversidades culturais, que a cada dia vão surgindo e vão se firmando nas relações sociais. Sem o olhar da diversidade, a humanidade vai caminhando para um mundo egocêntrico, não condizente com a sociedade digital, que tem propiciado a todos e todas, em tempo real, as diversidades culturais, inseridas nos contextos sociais dos povos de nosso planeta que, com suas particularidades e especificidades, vão conquistando admiradores e admiradoras de todo o orbe.

Portanto, o mundo plural da atualidade não deveria retroceder à unicidade, e Sanchez assevera que o pluralismo religioso supõe a existência do pluralismo político e da liberdade, características da democracia. Dessa forma, no que diz respeito ao campo das religiões, o pluralismo religioso opõe-se à concentração do poder, à concepção monolítica desse e à intransigência.⁸ Essa assertiva corrobora que as pessoas da sociedade moderna se conscientizem da força do pluralismo em vários níveis, principalmente no que está relacionado às religiões e às religiosidades de cada cidadão e cidadã das populações humanas.

Diante dessas considerações, entende-se que a cosmovisão atrelada ao mundo plural vai gerar uma diversidade de conhecimentos, em vários âmbitos, sejam aspectos relacionados aos valores sociais ou às práticas religiosas, o que rompe completamente com as visões unilaterais de outrora. Sendo assim, entende-se que a Era Cibernética combina muito mais com um mundo plural, onde há espaço para todas as pessoas terem o seu direito de voz reconhecido e validado. E a cosmovisão tem contribuído de maneira ímpar para o reconhecimento desses valores culturais, observados em todas as comunidades do nosso planeta.

Os entraves do progresso devem ser lembrados apenas como um alerta para não serem repetidos, contribuindo com o não retrocesso. Os avanços tecnológicos, que possibilitaram às pessoas o poder da comunicação em tempo real, na atualidade, não podem permitir que outras hegemonias se enraízem nas sociedades modernas.

Por isso, a convivência no acolhimento às pluralidades poderia se efetivar a cada dia, porque no mundo da contemporaneidade, ambiente da universalização

⁸ SANCHEZ, 2010, p. 41.

das culturas, não haveria espaço para ideologias unilaterais, uma vez que essas terminam promovendo retaliações e subjugações às alteridades, prejudicando as relações interpessoais.

A posição do pluralismo religioso nasce do esforço de tantos teólogos de construir um referencial teórico que, num mundo com grande diversidade religiosa, possibilite um diálogo sincero do cristianismo com as outras religiões.⁹

Pretende-se com as ideias aqui elencadas enfatizar que se faz necessária a pluralização das visões religiosas, de forma que cada uma delas possa ser aceita pelas sociedades de todo o planeta, já que o mundo é plural, e cada grupo social possui as suas próprias constituições identitárias. Sendo assim, as religiões não podem ser subestimadas por outros grupos hegemônicos que querem continuar difundindo as suas ideologias, em detrimento do desejo de outras pessoas, que gostariam de ser respeitadas em suas escolhas religiosas. Nesse contexto, a relativização de certezas veio contribuir com o rompimento dos absolutismos impostos durante séculos.

Cada uma das religiões do mundo pode parecer estranha aos que “estão de fora”, mas para quem “está dentro” elas representam um meio pelo qual tanto uma sociedade em particular quanto a criação como um todo podem ser entendidas de modo mais completo. O simples fato de estar lendo este livro sugere que você prefere buscar caminhos para tornar o entendimento mútuo uma realidade no diversificado mundo de hoje.¹⁰

Por isso, é preciso abrir-se ao reconhecimento de outras religiões, visto que o mundo diversificado de hoje não se permite a singularidade, no sentido de unicidade, apesar de cada religião ser singular e de estar inserida em um mundo plural. Na modernidade, seria interessante a desconstrução de ideais relacionadas ao estranhamento das religiosidades alheias, no viés de preconceitos ou de discriminações.

Pode-se até “estranhar” outras doutrinas religiosas, ou até mesmo não as compreender, mas negá-las, pressupõe-se uma forma de discriminá-las. Isso seria um contrassenso, pois elas já fazem parte de um determinado contexto político-social, que não será detido pela força das segregações, promovidas por pessoas preconceituosas. Assim, o cenário da democracia reforça o respeito à liberdade de

⁹ SANCHEZ, 2010, p. 74.

¹⁰ TOROPOV, Brandon; BUCKLES, Luke. O guia completo das religiões do mundo. Tradução de Martha Malvezzi Leal. 2. ed. São Paulo: Madras, 2017, p. 42.

escolha religiosa de todos e de todas, quando abre espaço para o reconhecimento das alteridades.

2.1 RECONHECENDO A PLURALIDADE DO MUNDO GLOBALIZADO

Quando sabemos pouco, ou nada, acerca das crenças religiosas de nosso vizinho, fica fácil classificá-lo como o outro - a vítima mal orientada (ou pior) de práticas estranhas e possivelmente imorais. Quando definimos outra tradição como o outro, estamos a um passo de desvalorizá-la de modo injusto. Existe lugar no Cosmos para mais de uma concepção do Divino? Se desejamos construir pontes eficazes entre um fiel e outro, deverá existir, pelo menos por enquanto.¹¹

As ideias preconceituosas são identificadas pelas atitudes de algumas pessoas que desvalorizam as religiosidades alheias pelo simples fato de não as conhecerem. Os pré-julgamentos ocorrem, na maioria das vezes, por desconhecimento dos dogmas das religiões das alteridades. Sendo assim, seria de grande relevância que as pessoas intolerantes religiosas, fossem despertadas para a importância do reconhecimento de outras formas de profissão de fé, para que o sentido de justiça seja garantido também em seus direitos sociais, principalmente, no âmbito religioso.

Portanto, em um mundo plural, torna-se imprescindível o respeito às crenças das singularidades. Entende-se que nem sempre as alteridades serão valorizadas por estes grupos que segregam, contudo, o respeito é imprescindível para uma boa convivência no contexto das relações sociais.

As práticas religiosas que parecem estranhas para nós geralmente causam essa impressão porque foram apresentadas com uma grossa camada de explicações acadêmicas “especializadas”.¹²

Conforme Mandela “Ninguém nasce odiando o outro pela cor de sua pele, ou por sua origem, ou sua religião. Para odiar as pessoas precisam aprender, e se elas aprendem a odiar, podem ser ensinadas a amar.”¹³ Essa sentença é uma reflexão *sine qua non* para que as pessoas, de um modo geral, revejam as suas posturas racistas e preconceituosas, caso as tenham, pois, segundo a Sociologia “o homem é o produto de seu meio social, e ele vai agir da maneira como foi ensinado”. Assim,

¹¹ TOROPOV, 2017, p. 20.

¹² TOROPOV, 2017, p. 20.

¹³ MANDELA, Nelson. **Longa caminhada até a liberdade**. Rio de Janeiro: Alta Life Books, 1995, n.p.

quando o respeito sobrepujar a convivência humana, certamente não ocorrerão tantas desigualdades sociais em nosso orbe e, conseqüentemente, as pessoas serão mais tolerantes umas com as outras.

Nesse sentido, diante das práticas religiosas que são desconhecidas por alguns grupos sociais, a pessoa precisa compreender que não cabem explicações quando se trata de fé. Ninguém precisa se “especializar” para entender o que não é para ser entendido, e sim, para ser sentido. Conclui-se que se o respeito às Diversidades Religiosas se efetivar na sociedade global, a paz no mundo provavelmente seria conquistada a contento.

O mundo globalizado e tecnológico está mudando a percepção das pessoas sobre a realidade, porque a maioria delas não vê sentido quando o assunto está relacionado à Diversidade Religiosa. Seria muito importante que todos e todas pudessem vislumbrar outras realidades opostas às suas, a fim de ampliarem as suas visões de mundo, alcançando, assim, vastos conhecimentos no campo religioso, que as tornariam pessoas mais abertas aos diálogos, fator fundamental para o favorecimento das relações sociais quanto à respeitabilidade mútua.

A ruptura do monopólio religioso não traz apenas mudanças para o campo religioso, mas sobretudo, altera as representações da realidade. [...] Se antes o seu olhar era unívoco, agora ele é plural. Se antes o seu olhar era mediado pelo universo religioso, agora é mediado pela razão. Se antes o seu olhar percebia o mundo de forma encantada, agora o mundo é percebido de forma desencantada.¹⁴

O mundo contemporâneo aberto ao pluralismo religioso pelo viés da razão contempla as alteridades, pelo simples fato de todos e todas terem oportunidade de expressar livremente o seu direito de profissão de fé. Com essa garantia constituída, as pessoas teriam mais autonomia e segurança para prosseguir em sua escolha religiosa, que durante muito tempo lhe foi subtraída.

Na maioria das vezes, os grupos sociais que eram recriminados pela sua religiosidade, sucumbiam por causa da subjugação dos que se sentiam superiores a esses. Entretanto, graças à ruptura do monopólio religioso da atualidade, o mundo abriu-se às pluralidades ideológicas e sem dúvida alguma, fechou-se para os olhares unívocos.

¹⁴ SANCHEZ, 2010, p. 41.

Conforme Cruz¹⁵ (2014) religião não é algo simples de ser definido, por ser tão associado à história humana e tão universal, e ao mesmo tempo tão importante na diferença entre culturas. O que o autor afirma sobre a religião e o seu destino na modernidade está associado à ideia do pluralismo religioso, em que os aspectos históricos atrelados aos fatores políticos contribuiriam para a sua pluralização, já que houve um rompimento com as ideias unívocas.

Portanto, o mundo moderno está propício ao pluralismo religioso, onde há o entrelaçamento perfeito desses dois vieses, que só reforçam as conquistas da humanidade e vêm se consolidando desde épocas remotas à nossa contemporaneidade.

É importante esclarecer o conceito de pluralismo religioso, já que pluralismo pode ser compreendido de diversas maneiras. Uma primeira distinção a ser feita é entre pluralidade e pluralismo religioso. Com o primeiro conceito nos referimos à existência, em uma determinada sociedade, de grupos religiosos diferentes com oportunidades para a ação. O pluralismo religioso é um conceito mais amplo e aponta para as relações sociais entre Estado, sociedade civil e atores religiosos. Isto supõe relações legais, jurídicas e simbólicas que levam à existência de diversos grupos religiosos com possibilidade real de crescimento e expansão.¹⁶

Ao serem observadas as definições dos termos supracitados, percebe-se que há uma linha tênue de distinções entre eles. Visto que para se compreender ambos, se faz necessário entender que a palavra que os origina “plural”, vem do latim *pluralis*, “mais de um”, derivado de *plus*, “mais”. Contudo, enquanto a palavra “pluralidade” está ligada a algo mais real, ou seja, é algo posto pela própria realidade, o “pluralismo” é uma cosmovisão. Sendo assim, o pluralismo é um conceito que abarca uma diversidade de âmbitos, que por sua vez estão atrelados à pluralidade e às convivências de aspectos ligados às relações culturais, que ora podem ser semelhantes ou ora podem ser diferentes.

A partir dessas considerações, entende-se que um sistema plural está aberto para as diversidades, pois ele valida todas as vozes culturais, isto é, aceita a existência da diversidade como um fato que deve ser reconhecido, tolerado e valorizado. Portanto, o pluralismo se baseia no reconhecimento e na aceitação da existência da diversidade. Essa existência da diversidade tem relação com as

¹⁵ CRUZ, Eduardo R. da. **Religião e ciência**. São Paulo: Paulinas, 2014, p. 30. (Coleção temas do ensino religioso).

¹⁶ SANCHEZ, 2010, p. 52.

diferenças de opiniões, de ideias e ideologias, de pensamentos e de manifestações, sejam elas culturais, políticas, dentre outras.

No que diz respeito ao viés religioso dos termos aqui em análise, Sanchez (2010) afirma que enquanto a pluralidade tem a ver com a possibilidade de ação dos sujeitos religiosos (individuais e coletivos), o pluralismo religioso supõe condições objetivas, inclusive legais, que favorecem a existência e a afirmação dessas pessoas. O autor assevera que uma dessas condições é um Estado secularizado que possibilita a existência e a competição de diversas visões de mundo.

A diversidade cultural constitui-se em um dos mais valiosos bens da humanidade, na medida que expressa a criatividade humana em construir elementos simbólicos que servem de referência para a constituição das identidades pessoais e coletivas. É uma das fontes do desenvolvimento humano, de ampliação dos horizontes e sentidos, à medida que cada cultura é apenas parte de um mundo complexo que tem muito a aprender com as outras culturas existentes.¹⁷

As considerações aqui expostas enfatizam sobre a necessidade das pessoas entenderem que ao fazer parte de um mundo plural, precisam ampliar os seus olhares sobre ele. O planeta está imerso em uma multiplicidade de culturas, a pessoa que mantiver o olhar somente sobre si mesma ou sobre a sua própria cultura, fatalmente correrá o risco de ter que viver como um eremita. Nas conjunturas sociais de hoje, em que há a aderência das cosmovisões, a unificação de ideias poderia ser concebida como um retrocesso.

Dentro dessa multiplicidade, em relação à Diversidade Religiosa na instituição escolar, percebe-se a importância desse espaço como terreno fecundo para uma transformação de uma sociedade excludente para uma inclusiva. Isso será possível pelo diálogo que contemple a pluralidade religiosa e com ações pedagógicas voltadas a combater a intolerância e a violência dos discursos e das práticas religiosas imersos em sua pluralidade dentro da realidade diversa brasileira.

¹⁷ CECCHETTI, Elcio; OLIVEIRA, Lílian Blanck de. Diversidade religiosa e educação em direitos humanos: desafios e possibilidades aos currículos escolares. *In*: SILVA, Ana Tereza Reis da (org.). **Leituras críticas em educação e direitos humanos**. Brasília: Liber Livro, 2014, p. 52-74.

2.2 A DIVERSIDADE RELIGIOSA NA REALIDADE PLURAL BRASILEIRA

É de fundamental importância que a escola possa cumprir o seu papel social, realizando, em seu espaço interno e no seu entorno, discussões e debates acerca de temáticas contextualizadas à realidade de sua clientela estudantil, de modo que possam atender aos interesses da coletividade, mesmo enfatizando os aspectos referentes às individualidades. Observa-se que a abordagem das Diversidades Religiosas é realizada timidamente na escola, por falta de vontade político-pedagógica e se faz necessário minimizar este problema. E ao se cuidar devidamente das Diversidades Religiosas, as pessoas cidadãs se sentirão acolhidas e validadas, visto que há muito tempo estavam invisibilizadas em nossa sociedade.

Conviver com a diversidade religiosa na realidade plural do Brasil é algo bastante desafiador e instigante, por ser um país de grande extensão territorial e que contempla diferentes formas de culturas, de tradições, de costumes, de movimentos religiosos, como também de pessoas não adeptas à religião ou às religiosidades. Além de todos esses aspectos, vale ressaltar que nem todas as pessoas de nosso país conhecem os seus direitos e os seus deveres, o que termina intensificando ainda mais os processos de segregação social. De acordo com o art. 5 VI da Constituição Federal de 1988 “É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e as suas liturgias.”¹⁸

A Constituição de 1824, também conhecida por Constituição Imperial, já garantia a liberdade religiosa e proibia a perseguição pelos motivos religiosos. Entretanto, naquela época, o Brasil ainda não era um país laico, pois havia restrições para a realização de cultos que não fossem de religiões reconhecidas oficialmente pelo Estado. Contudo, na Constituição posterior, finalmente, a liberdade de escolha quanto à religiosidade ou religião, por parte das pessoas do povo, foi melhor acolhida.

Faz-se necessário evidenciar aqui que a maioria da população brasileira também desconhece a Declaração Universal dos Direitos Humanos, em seu artigo XVIII, que assegura a todas as pessoas do mundo a liberdade de escolha religiosa:

¹⁸ BRASIL. **Constituição Federal de 05 de outubro de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm/ Acesso em fev. 2021.

Toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou em particular.¹⁹

Portanto, entende-se, a partir dos artigos supramencionados, que é imprescindível o respeito às alteridades, para que possam ser reconhecidas e também validadas, e que ninguém deve cercear o direito das outras pessoas. Cada cidadão/cidadã deve ter a liberdade de fazer as suas próprias escolhas, assim como não aceitaria se o seu direito também lhe fosse retirado. No entanto, para que eles/elas entendam a importância do respeito às alteridades, há uma necessidade emergente de conscientizá-las nesse sentido. E ao serem realizados eventos sociais objetivando a promoção da dialogicidade, principalmente nas instituições escolares e nos espaços comunitários, provavelmente o respeito às Diversidades Religiosas se efetivasse de fato.

De acordo com Merton²⁰, há na base do diálogo a percepção de valor da diversidade, e de que essa traduz a riqueza da experiência humana.

Dessa forma, as palavras alteridade, cultura, ética e respeito ao serem conhecidas e reconhecidas por toda a sociedade brasileira, auxiliariam as pessoas a começarem entender os sentidos e os significados desses termos, não só etimologicamente, como também na importância deles para a dinâmica de suas vivências e de suas convivências sociais, mediante diálogos inter-religiosos. A profícua legitimação social dos vocábulos tratados nesse espaço discursivo será uma realidade, na medida em que as pessoas consigam interiorizá-los e, conseqüentemente, mudem o comportamento preconceituoso caso o tenham, contribuindo assim para um clima pacífico e harmonioso, fundamentalmente necessário às relações humanas.

A contribuição da escola na construção da democracia é a de promover os princípios éticos de liberdade, dignidade, respeito mútuo, justiça e equidade, solidariedade, diálogo no cotidiano; é a de encontrar formas de cumprir o princípio constitucional de igualdade, o que exige sensibilidade para a questão da diversidade cultural e ações decididas em relação aos problemas gerados pela injustiça social.²¹

¹⁹ ONU-Organização das Nações Unidas. **Declaração para eliminação de todas as formas de intolerância e discriminação fundadas na religião ou nas convicções**[...] Brasília: SDH/PR, 2003, p. 13-20.

²⁰ MERTON, Thomas. **Reflexões de um espectador culpado**. Petrópolis: Vozes, 1970, p. 177.

²¹ BRASIL, 2001, p. 35.

Não é e nem será uma tarefa fácil, mas será uma tentativa, que poderá ser exitosa, pois trata-se aqui de disseminar a ideia de que o respeito à diversidade e às diferenças é direito essencial e constitui pilares para uma sociedade democrática, além de que a legislação é clara na garantia da liberdade de crença e de consciência, em que o país não pode manifestar preferência ou privilégio quanto ao aspecto da religiosidade de seu povo, assegurando assim, a laicidade.

Atualmente, na sociedade brasileira é perceptível que a Intolerância Religiosa está cada dia se intensificando mais, apesar da ocorrência de diálogos inter-religiosos, das discussões propostas nos espaços acadêmicos, dos conteúdos televisivos e das redes sociais informarem, por meio de seus comerciais e programas sobre a importância do respeito às alteridades. Contudo, o respeito às diferenças está sendo conquistado literalmente com lutas diárias, graças à perseverança de cidadãos e cidadãs que ainda acreditam que o valor da diversidade e da riqueza das experiências humanas podem estimular movimentos positivos e afirmativos quanto ao favorecimento de relações interpessoais empáticas, objetivando a igualdade, a justiça e a fraternidade.

No que diz respeito aos Estudos Culturais, o aspecto da religiosidade é um assunto muito complexo, devido às questões relacionadas à não aceitação da cultura das pessoas díspares, desencadeando assim a subjugação, por parte de outras pessoas que ainda têm dificuldade nesse acolhimento às diversidades culturais, quando estão diante de outras que professam segmentos religiosos diferentes dos seus. Dessa forma, ao reforçar os valores éticos, os cidadãos e as cidadãs brasileiros/as, de um modo geral, provavelmente conseguiriam se respeitar mutuamente e promover a cultura da paz, aspectos imprescindíveis ao bem-estar social.

Entretanto, sabe-se que é um assunto bastante delicado, que precisa ser tratado de maneira serena, reflexiva e equilibrada, para não inquietar os ânimos e acentuar ainda mais o problema. Por isso, a proposta com os diálogos inter-religiosos, no ambiente educativo, é bastante relevante para o trabalho de conscientização sobre o respeito às Diversidades Religiosas e poderá contribuir de maneira ímpar na minimização da Intolerância Religiosa, no local de ensino, assim como no conhecimento e no reconhecimento de outras culturas, já que os contextos da religiosidade estão completamente interligados ao âmbito cultural.

O marco da tolerância está na igualdade social. Respeitar a diversidade cultural não pode significar aceitar as desigualdades socioeconômicas. A tolerância deve ser uma ação solidária na superação dessas desigualdades. A tolerância deve ser o reconhecimento da diversidade cultural dos diversos estratos sociais, contrapondo-se à hegemonia de uma cultura dominante que marginaliza as outras classes e grupos sociais.²²

No Brasil, este aspecto cultural também está atrelado aos fatores políticos, como herança do período da Colonização, pelo fato de a religião das pessoas colonizadoras ser ensinada não somente no espaço religioso como também no espaço escolar que a exaltava e a colocava como única e verdadeira, subjugando outras religiosidades, a começar pela tradição dos próprios povos indígenas. Essas pessoas cultuavam seus deuses através dos elementos da natureza, e foram obrigadas a abdicar de suas crenças e de seus costumes para cultuar a religião dominante no mundo naquela época, o que desencadeou o início das tensões religiosas em nosso país. Conforme Teixeira²³, a paz no mundo só poderá acontecer quando houver paz entre as religiões, e a paz entre as religiões pressupõe o diálogo inter-religioso.

Tal evento de subjugação religiosa sucedeu também com os povos africanos que vieram escravizados para o Brasil. Todos e todas tiveram que se adaptar à religião de efetivo domínio, desse período, e é nesse processo de afirmação e de negação religiosa que a população brasileira vai se formando. Essa ocorrência vai revoltando os cidadãos e as cidadãs brasileiros/as que são perseguidos/as e discriminados/as por motivos religiosos, o que de certa forma, termina trazendo sentimentos de angústia e de impotência para resolver esse conflito. E as consequências da Intolerância Religiosa, da falta de consenso, da falta de diálogo e de diálogo inter-religioso, dentre outros fatores, são justamente a manutenção da segregação social.

2.3 TENSÕES ENTRE A IDENTIDADE SOCIAL E A DIVERSIDADE RELIGIOSA NO BRASIL

Em se tratando da diversidade religiosa, a convivência entre sujeitos com crenças e convicções diferentes, historicamente foi marcada por muitos

²² MARCUSE, Herbert. **Tolerância repressiva**. In: Crítica da tolerância pura. (coletânea) Rio de Janeiro: Zahar, 1970, p.85.

²³ TEIXEIRA, Faustino. O diálogo em tempos de fundamentalismo religioso. **Revista Convergência**, Brasília, v. 37, n. 356, 2002, p. 495-506.

conflitos e imposições, negações e invisibilizações, preconceitos e discriminações, muitas vezes legitimadas por representações sociais equivocadas, rotuladas e exotizadoras da (des)crença do Outro. Decorrem de posturas exclusivistas produzidas pela falsa percepção que apenas existe uma verdade e que essa justamente pertence à sua coletividade, jamais ao grupo do Outro. Esse dogmatismo religioso consiste em fazer com que indivíduos e grupos se projetem numa ilusória infinitude ao pretenderem realizar em si próprios a totalidade.²⁴

Nesse sentido, vai nascendo no Brasil a tensão entre a Identidade Social e a Diversidade Religiosa, em que a não aceitação da cultura do outro, a perseguição religiosa, as segregações por cunhos políticos e econômicos, os preconceitos de diversas ordens, dentre outras ocorrências, vão gerando conflitos, que já foram aqui evidenciados. Essa falta de reconhecimento da pluralidade de crenças, de costumes e de tradições que trazem como desfecho a Intolerância Religiosa precisa ser equacionada e os diálogos inter-religiosos sublevariam a ideia do acolhimento às diferenças.

Com base nos contextos histórico e político aqui apresentados, o que fazer para minimizar a Intolerância Religiosa nas escolas públicas brasileiras? Como fomentar o respeito às Diversidades Religiosas no ambiente educativo? Nos estabelecimentos de ensino no Brasil, onde é visível a ausência do respeito à cultura das alteridades, em vários âmbitos, poderia ser revisto, para não continuar favorecendo a segregação, que tanto foi e é discutida por pessoas que pensam em uma sociedade que dignifique as populações humanas, propiciando a igualdade de direitos para todas.

O novo sentido da tolerância deve levar em conta a articulação equilibrada entre identidade e diversidade. Nenhum dos dois polos pode sobrepujar o outro. A tolerância não pode ocorrer em relacionamentos marcados pela desigualdade, onde ocorre a dominação entre indivíduos.²⁵

Diante desses questionamentos tão elementares e significativos para a proposta que aqui se desenvolve, percebe-se que o ambiente escolar é o espaço ideal para a construção de uma convivência harmoniosa entre as pessoas nos mais diversos aspectos — étnico, social, econômico, religioso. É na escola que a diversidade se apresenta e sobrevive e, como o espaço das aprendizagens na

²⁴ MARTINI, Antônio. O provisório e o transcendente. *In*: MARTINI, Antônio et al. **O humano, no lugar do sagrado**. 2. ed. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1995, p. 33-38.

²⁵ MARCUSE, 1970, p. 85-106.

instituição de ensino se estabelece como tal, nada mais compreensível que práticas pedagógicas planejadas com o intuito de entender a Diversidade Religiosa como caminho para o respeito às alteridades, em um ambiente que todos os setores da comunidade escolar, principalmente a clientela estudantil, adquira a atitude da tolerância, da harmonia social e da paz. Nesse viés, os autores Elcio Cecchetti e Lílian Blanck consideram que

[...] os direitos humanos foram afirmados historicamente nos embates constantes contra a exploração, dominação, vitimização, exclusão e demais mecanismos que violavam a dignidade humana, o campo educacional, principalmente em sua face formal (a escola), pode e deve contribuir na promoção da liberdade religiosa e dos direitos humanos, por meio de práticas pedagógicas que exercitem a sensibilidade diante de qualquer discriminação religiosa.²⁶

Portanto, é extremamente importante que haja a fomentação de discussões e de debates nesse sentido, de modo a minimizar a discriminação religiosa que só causa descontentamento e estabelece barreiras entre as pessoas. Tantos embates foram travados a fim de desconstruir os preconceitos ocorrentes nas sociedades humanas, mas ainda precisamos continuar lutando, para que todas as pessoas possam lembrar dos princípios éticos e morais que devem reger as relações humanas e que foram conquistadas arduamente, no decorrer dos séculos.

Nesse contexto é que a proposta de trabalho com diálogos inter-religiosos e outras ações pontuais, possam contribuir para o respeito às Diversidades Religiosas na escola, o que seria de grande relevância, pois seria mais um caminho para a reversão de situações conflituosas de Intolerância Religiosa, não somente no ambiente educativo, como também em seu entorno, existindo a possibilidade de transcender o interior dos muros da escola para espaços sociais mais amplos, propiciando a igualdade de direitos.

Portanto, as pessoas educadoras teriam um papel bastante relevante: apresentar uma proposta que fomentasse ideias para a ocorrência de diálogos inter-religiosos, de forma interdisciplinar, até conquistar o objetivo final deste trabalho, que consiste na consolidação da Tolerância Religiosa. Como consequência disso, propiciar a toda a comunidade escolar reflexões para a mudança de

²⁶ CECCHETTI, 2014, p. 52-74.

comportamentos quanto ao respeito às diversidades culturais, tendo a unidade escolar como aporte para a construção de uma nova realidade social.

Diante dos contextos apresentados, há a possibilidade de fazer um trabalho de conscientização das pessoas discentes da unidade escolar, por meio das ações supramencionadas, desencadeando, assim, a fomentação do respeito às Diversidades Religiosas, pela promoção da pluralidade de saberes e da dialogicidade, e pelo fato de abrir um leque de variadas informações sobre a temática aqui em pauta.

Essa série de variadas informações proporciona aos brasileiros e às brasileiras o conhecimento e o reconhecimento das experiências e das vivências dos grupos sociais que nem sempre foram ou são valorizados em nosso país. Por isso, este trabalho é de fundamental importância para a formação de pessoas adolescentes politizadas e de uma juventude com poder analítico de criticidade, já que em nossa sociedade, faz-se necessária a presença de homens e de mulheres reflexivos/as que apropriem-se de saberes e de entendimentos sobre a realidade em que estão inseridos/as, de modo que não permitam a continuidade dos preconceitos e das discriminações que aí ocorrem, e que sejam pessoas agentes de sua própria história, desconstruindo os paradigmas segregadores que ainda são visíveis na sociedade brasileira.

2.4 A BONITEZA DO RESPEITO ÀS DIVERSIDADES RELIGIOSAS: ESCOLA E FAMÍLIA DESPONTANDO-SE PARA AS ALTERIDADES

A beleza existe em todo lugar. Depende do nosso olhar, da nossa sensibilidade; depende da nossa consciência, do nosso trabalho e do nosso cuidado. A beleza existe porque o ser humano é capaz de sonhar.²⁷

Conforme o dicionário Aurélio, a palavra “boniteza” significa qualidade do que é bonito e quando correlacionada aos contextos das Diversidades Religiosas, essa palavra poderia ser uma grande aliada para despertar o respeito às alteridades. No entanto, o seu significado vai além dos sentidos que ela pode ter. Primeiramente, porque “boniteza” é uma palavra que possui sinônimos também reveladores de sua beleza.

²⁷ GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho**: Ensinar e aprender com sentido. Novo Hamburgo: LED, 2003, p. 11.

De acordo com a assertiva de Gadotti, a beleza existe em todo lugar e dependendo dos olhares, da sensibilidade, da consciência, do trabalho e do cuidado das pessoas, ela motiva a todos e a todas a sonhar. E os sonhos são como molas propulsoras que sublevam as relações sociais, pois assim como as pessoas precisam realizar os seus objetivos de vida, elas precisam ver outras pessoas realizarem também.

A palavra “boniteza” é apresentada nesse cenário para enfatizar a importância do respeito à diversidade, paralelamente à obra de Gadotti “A boniteza de um sonho”, em que o autor aponta que é preciso ver a beleza em todas as coisas e que podemos ser despertados para isso. Na proposta desse trabalho, a boniteza se concretiza a partir do momento em que tanto a escola quanto a família sensibilizam-se para a percepção das diferenças na sociedade.

No que se refere à família, Sayão²⁸ assevera que a tarefa fundamental dessa instituição social é a de humanizar aqueles que ela produz, aqueles aos quais dá à luz. A autora enfatiza que a família é uma forte matriz de nossas formas de orientação no mundo, aquilo que nos faz ser quem somos, mesmo que involuntariamente. Tal aspecto nos leva a perceber que esta atitude dos pais e das mães em relação à rememoração da forma como foram criados/as não significa que farão da mesma maneira como os seus pais/mães o fizeram. O direcionamento que deve ser propiciado aos seus filhos e/ou às suas filhas não deve ser movido por imposições ou ideologias ultrapassadas, já que essas pessoas jovens fazem parte de outros contextos e de outras realidades sociais, incluindo o mundo cibernético da atualidade.

Nessa perspectiva, entende-se que quando os pais compreendem a realidade de seus filhos e de suas filhas, para poderem fazer intervenções adequadas a partir das referências que tiveram, poderão fazer, se houver a real necessidade de fazê-las. Sabendo acolher e entender os anseios da juventude, cuidando de aspectos relacionados à afetividade, provavelmente, os pais ou os responsáveis por eles/elas conseguirão equacionar muitos problemas originados do universo familiar e haverá um ganho *sine qua non*, desembocando na sociedade

²⁸ SAYÃO, Rosely; AQUINO, Júlio Gropa. **Famílias**: Modos de usar. Campinas: Papirus, 2006, p. 12-29.

mais ampla, que por sua vez, terá menos conflitos e menos problemas a resolver com as pessoas juvenis.

É de suma importância que os pais/mães e as pessoas envolvidas no processo educativo de crianças e das pessoas adolescentes promovam discussões, debates e outros movimentos dialógicos que estejam ligados aos âmbitos familiar e escolar. Tais eventos são imprescindíveis para que a juventude se desenvolva num clima de respeito às alteridades, bem como em sua participação proativa nos grupos sociais em que está inserida, de maneira que se transformem em agentes de transmutação de realidades nestes espaços e de modo a contribuir para o constructo de uma realidade que resulte no bem comum.

Contudo, para que essa juventude possa perceber a relevância de sua participação proativa no mundo social do qual fazem parte, tanto a família quanto a escola poderiam repensar o seu papel social em vários aspectos, principalmente no que dizem respeito ao cuidado que se deve ter para com essas pessoas jovens em relação às suas necessidades básicas, como também em relação à autoestima, à motivação e à autonomia que devem ser subsidiadas a elas, cotidianamente. Quando se sentem acolhidas, provavelmente conseguirão ser autoconfiantes, empáticas e conscientes de sua importância no mundo e reconhecerão também a “beleza” das outras pessoas ao seu redor.

São nas ações reflexivas que se concretizam as possibilidades de transformação da realidade. A educação deve ser proposta como prática da liberdade, onde as pessoas são levadas a refletir sobre si mesmas e sobre sua relação com o mundo.²⁹

Conforme Sarti,³⁰ abordar a família exige um esforço de estranhamento, nem sempre fácil, quando estão em jogo pontos de vista diferentes de nossas próprias referências culturais e sociais. A partir desse pensamento, percebe-se que para haver um entendimento acerca da diversidade das famílias brasileiras, a juventude poderia ser orientada nesse sentido. Isso porque, ao se tomar conhecimento das realidades sociais que perpassam a vida de cada indivíduo, que por sua vez, estão interligadas aos seus grupos de pertencimento cultural, tanto no que dizem respeito à sua origem quanto à sua convivência, faz-se necessário

²⁹ FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

³⁰ SARTI, Cynthia. O jovem na família: o outro necessário. *In*: NOVAES, Regina; VANUCHI, Paulo. (org.). **Juventude e sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: FPA, 2004, p. 115-128.

promover a conscientização das pessoas jovens, reforçando para ela a importância do respeito às diferenças, para que não haja a rejeição do que lhe é adverso.

Sarti continua em suas considerações, afirmando que a família, seja qual for a sua composição e sua organização, é o filtro por meio do qual se começa a ver e significar o mundo. Sendo assim, a juventude só vai olhar o que está à sua volta a partir de suas visões particularizadas e unilaterais, cabendo tanto à escola quanto à família ampliar esses conhecimentos para que tanto as pessoas adolescentes quanto as jovens vislumbrem outras realidades socioculturais, construindo assim uma cosmovisão que parte do micro para o macro, de modo a fortalecer as suas raízes culturais e identificar o mundo plural, no qual estão imersas.

Soares³¹ (2004) aponta que a formação da identidade para as pessoas jovens é um processo penoso e complicado e as referências positivas escasseiam e se embaralham com as negativas. Desse modo, percebe-se que é muito difícil a participação de algumas delas que não aceitam quem é diferente, quem pensa diferente ou quem produz algo diferente do que elas pensam, produzem ou fazem. Se elas não tiverem bons exemplos neste sentido, conseqüentemente, reproduzirão mais aspectos negativos do que positivos, se aqueles lhes forem transmitidos com maior ênfase. Como Caetano nos alerta em sua composição “...é que Narciso acha feio o que não é espelho...”³² e a sociedade ao desconstruir essa ideia, mudando de feio para a palavra belo, certamente o narcisismo não caberia no mundo da modernidade.

Portanto, se a escola e a família não conseguirem ressignificar o seu papel social de fazer com que as suas crianças e a sua juventude identifiquem a existência das alteridades, não somente relacionadas à religiosidade, como também a outros aspectos sociais, provavelmente, terminariam contribuindo para a instauração do desrespeito às diversidades como um todo, o que é muito preocupante.

Se a frequência de suas ações estiver pautada nos aspectos positivos, a participação social dos filhos e das filhas será mais humanizada, seja no mundo do trabalho, seja nos espaços educativos e culturais em que estiverem inseridos/as, pois estas pessoas adolescentes e jovens serão consideradas pessoas empáticas,

³¹ SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (org.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

³² VELOSO, Caetano. **Sampa**, 1978. Disponível em: www.lettras.mus.br/caetanoveloso/41670/. Acesso em: 22 de nov. 2022, *on-line*.

pelo fato de saber que cada um tem as suas especificidades, assim como elas têm as suas próprias e gostariam de ser respeitadas, reconhecidas e, principalmente valorizadas em sua realidade sociocultural ou até mesmo religiosa.

E quando há o devido cuidado no tratamento dos valores e dos princípios a serem mediados para a juventude, aspectos relacionados à religiosidade, à espiritualidade e à religião são essenciais para a formação de sua identidade. Rocca³³ apresenta que dentre os cinco valores que a juventude entre 15 e 24 anos considera para uma sociedade ideal, o mais mencionado é o amor a Deus. Com essa assertiva, nota-se que a juventude é portadora de uma espiritualidade que na maioria das vezes não é percebida pelos/as pais /mães ou pelas pessoas responsáveis, que poderiam rever as suas posturas neste sentido. Para tanto, as pessoas jovens ao serem valorizadas, por sua vez valorizariam também as religiosidades das alteridades.

Essa atitude dos pais, das mães e das pessoas responsáveis pelas pessoas jovens do mundo moderno em relação à rememoração da forma como foram criados/as poderia ser revista. Isso não significa que fariam da mesma maneira que os seus pais, mães e responsáveis o fizeram, em épocas passadas, mas é preciso que eles/elas entendam que os tempos são literalmente outros, assim como aconteceu em seu tempo de pessoas infanto-juvenis, que queriam ter a liberdade de escolha garantida, os seus/ as suas descendentes também querem tê-la. Dessa forma, eles/elas poderiam ser cautelosos/as nessa “transmissão” de valores que consideram mais importantes em detrimento daqueles que os filhos e as filhas têm ou querem seguir. E na atualidade, o direcionamento que poderia ser propiciado às suas crias não deveria ser movido por imposições ou ideologias ultrapassadas, já que esses e essas jovens fazem parte de outros contextos e de outras realidades sociais.

Sendo assim, percebe-se a condição essencial de compreender o momento de vida dessas pessoas adolescentes e jovens, no intuito de intervir de forma coerente quando necessário. E as famílias precisam respeitar as suas crianças e a sua juventude nas escolhas que fazem, para que esses/as também tenham atitudes de respeito para com as outras pessoas que lhes são díspares.

³³ ROCCA, Susana M. **Resiliência, espiritualidade e juventude**. São Leopoldo: Sinodal, 2013, p. 4.

A partir das ideias construídas nesse trabalho, novamente é oportuno trazer a palavra beleza, que contextualizada ao processo do respeito às alteridades, é conceituada como sinônimo de boniteza, originada de “belo”, que vem do latim *bellus* e significa “lindo, bonito, encantador”. Tal vocábulo foi muito usado na época clássica e referia-se apenas às mulheres e às crianças. No entanto, para os homens esta palavra era pejorativa, pois estava relacionada à mitologia grega, em que Apolo, um dos deuses do Olimpo, representava os ideais de beleza e de guerra, elementos intensamente aspirados pelos homens.

Existem vários conceitos para a palavra “beleza”, porém, os que serão associados à beleza como ideia de experiência são referentes àquilo que é apreciável, que causa admiração e que, acima de tudo, desperta o sentimento de empatia entre todos e todas. Por isso, é imprescindível que a família e a escola ensinem ao público infanto-juvenil a ver a beleza que existe na diversidade.

O mundo só tem graça colorido. Apenas uma cor, o tornaria uno. E o melhor disso tudo é que o planeta Terra, caracterizado na cor azul, nos atlas e nos mapas-múndi pelas populações humanas, apresenta outras cores que lhes acentuam uma beleza própria e que permitem escolher qual a cor que mais agrada a cada um/uma. Contudo, o planeta continua azul. E algumas pessoas continuam querendo unificar os olhares, formatando os ideais de beleza aos interesses efêmeros. Conforme a escritora Arendt³⁴ quem habita este planeta não é o Homem, mas os homens, porque a pluralidade é a lei da Terra.

Ainda fazendo correlações entre as diversidades aqui elencadas e os aspectos religiosos, bem como a participação das pessoas genitoras nas decisões dos filhos e das filhas, no âmbito da família, numa análise crítica sobre os direcionamentos que os pais dão a eles/elas, Sayão e Gropa³⁵ alertam que os pais e as mães não aprendem coisas da vida com seus filhos, aprendem apenas a ser pais e mães, o que não é pouco. É certo que esta afirmativa causa impacto, porém é algo bastante relevante, pois refletindo a partir dessa perspectiva apresentada pelos autores, os pais, as mães e as pessoas responsáveis nunca acham que podem aprender com os filhos e as filhas e tal evento poderia ser ressignificado.

³⁴ ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

³⁵ SAYÃO; GROPA, 2006.

Para os pais e as mães, o que deve ocorrer sempre é uma ideia verticalizada, uma via de mão única, em que eles/elas ensinam e a sua clientela filial aprende, tornando-se uma relação tensa, onde não há troca de saberes e tampouco de experiências. Com tal postura, os pais, as mães e as pessoas responsáveis só tendem a distanciar os seus filhos e as suas filhas de si próprios/as, levando-os à atitude de não confiabilidade. Assim, o autor e a autora estão preocupados/as com esta postura, uma vez que os/as pessoas jovens e adolescentes provindas desse meio poderão ter transtornos em vários níveis, e devido a isso, provavelmente, não conseguirão se abrir para as ideias advindas do mundo externo às relações familiares.

Não existem receitas prontas para que as pessoas genitoras e as responsáveis orientem as suas crianças e as pessoas adolescentes, porque cada uma delas é singular, dentro de uma pluralidade. Contudo, caberia às famílias identificarem as reais necessidades de sua clientela filial, por meio de conversas, de acolhimento e de afetividade. Se assim o fizerem, certamente, estarão enviando para a sociedade mais ampla, pessoas mais felizes, mais empáticas e mais altruístas. E isso é o despertar para o bom senso. Essa ideia, pode ser associada ao pensamento de Marulanda,³⁶ na obra “O desafio de crescer com os filhos”, onde a autora sinaliza que há três coisas muito importantes que os pais e as mães devem dar aos seus filhos: amor, orientação e ferramentas.

2.5 DESPERTANDO A JUVENTUDE PARA A CONVIVÊNCIA NUM MUNDO PLURAL

Conforme Marulanda, o amor é o combustível vital que impulsiona a juventude no transcorrer de sua vida; orientação é a bússola que orienta o seu caminho; e as ferramentas são as qualidades, destrezas e habilidades que lhes permitem enfrentar esse caminho e superar os obstáculos que podem encontrar no decurso. Através dessas considerações, percebe-se o quanto é imprescindível que a família prepare os seus filhos, as suas filhas, embasados nas indicações que a autora aponta, pois estes elementos farão toda a diferença em suas experiências

³⁶ MARULANDA, Ângela. **O desafio de crescer com os filhos**. São Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 25-30.

sociais, de maneira que as pessoas jovens respeitem de maneira mais efetiva outras pessoas que pensem, ajam e produzam algo diferente daquilo que fazem.

Em paralelo aos contextos aqui abordados, não poderia ficar de fora desse trabalho, o pensamento de Anísio Teixeira³⁷, quanto à participação da escola, no sentido da orientação das crianças e das pessoas adolescentes. Para o professor supramencionado, na escola não se aprendem apenas ideias ou fatos, mas também atitudes, ideais e senso crítico, desde que a instituição de ensino disponha de condições para exercitá-los. Para ele, uma criança só pode praticar a bondade no ambiente escolar onde haja condições reais para desenvolver o sentimento.

Esta frase de Anísio convoca a todos e todas a olharem com cuidado para as crianças e para as pessoas adolescentes, de modo que as outras pessoas, que estejam envolvidas no processo educativo sensibilizem-se para este objetivo, despertando sentimentos que promovam a solidariedade, a fraternidade e o amor ao próximo. E a escola, estando atenta à socialização da clientela estudantil, a coloca na contrapartida dos valores tidos como verdades absolutas, à medida que oportuniza a veiculação de pluralidades de ideias e de ideologias em seu espaço educativo.

A juventude não se fecha à miséria alheia. Tudo que é desigualdade, opressão, injustiça e exploração grita alto na vibratilidade do jovem. A verdadeira expressão da fé, para o jovem, dá-se na verdadeira vivência comunitária e fraterna.³⁸

Por sua vez, a unidade escolar poderia contribuir também para a boniteza do respeito às alteridades, e para Dick é preciso que aprendamos a ler a realidade teológica da pessoa jovem, dando direção a nossas atitudes pedagógicas. Nossas pedagogias, por vezes, são sem alma. O padre ativista conclama as pessoas docentes, seja no aspecto da religiosidade ou no viés pedagógico, a reverem as suas práticas educativas, de modo a dar-lhes um novo significado, colaborando, assim, para que a juventude que lhes foi confiada se sinta valorizada em suas potencialidades e seja despertada para a realização de algo positivo não somente

³⁷ TEIXEIRA, Anísio. **Educação para a democracia**: introdução à administração educacional. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

³⁸ DICK, Hilário. **O divino no jovem**: elementos teologais para a evangelização da cultura juvenil. Porto Alegre: Instituto de Pastoral de Juventude: Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude, 2004, p. 72-73.

para si mesma, como também para as outras pessoas, independentemente se elas fazem parte de seu meio sociocultural ou não.

O que deve movimentar essas pessoas jovens é o desejo de fazerem o bem, que como o próprio sacerdote supracitado assevera, tal sentimento já nasceu com elas. Para o padre, a juventude é como uma realidade que Deus nos revela. E correlacionando ao pensamento de Dick, Marques³⁹ afirma que o interesse atual pelo desenvolvimento humano integral, enfatizando os aspectos positivos, tem servido de contexto para a busca de conhecer a religiosidade e a espiritualidade na juventude e aplicar as conclusões no universo de pessoas jovens que podem encontrar na dimensão espiritual um apoio para o seu desenvolvimento como um todo.

Nessa lógica, pode-se concluir, na visão do autor, que tanto as pessoas responsáveis quanto as pessoas educadoras poderiam promover a visibilidade da espiritualidade e da religiosidade da qual a juventude é portadora, para que a clientela juvenil sintam-se preparada para a sua peregrinação no mundo, de forma que possam produzir algo útil, como ensinar, curar, cuidar do outro, transmitir valores e ideias construtivas para outras gerações, que precisarão também desse acolhimento.

Se faz necessário validar a espiritualidade e a religiosidade das pessoas jovens. Primeiro porque os termos possuem significados distintos, e depois pelo fato de cada pessoa ter experiências particulares as quais transcendem às famílias e aos seus grupos de pertença. Mas, o que se quer enfatizar aqui é que tanto um quanto o outro podem ser desenvolvidos, já que são inatos ao indivíduo.

Conforme Fowler,

[...] a fé é um universal humano [...] ao nascer somos dotados com capacidades inatas para a fé [...] a fé também é moldada por iniciativas que vêm de além de nós e de outras pessoas, iniciativas de espírito ou de graça.⁴⁰

³⁹ MARQUES, L. F.; CERQUEIRA, S.; E, & Dell' Aglio, D.D. Religiosidade e identidade positiva na adolescência. *In*: Dell' Aglio & S.H. Koller (Eds.). **Adolescência e juventude**: vulnerabilidade e contextos de proteção. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 77-101.

⁴⁰ FOWLER, James. Estágios da Fé. **A psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido**. São Leopoldo: Sinodal, 1992, p. 40-90.

Portanto, a partir desse pensamento, entende-se que a sociedade poderia ao identificar esses elementos na juventude, a fortaleceria, a tornaria ainda mais altruísta, na contrapartida de um mundo cada vez mais competitivo. Nesse processo da boniteza do respeito às diversidades, a escola sendo parceira da família, ambas conseguiriam apresentar aos contextos sociais micros e macros, pessoas jovens bem-preparadas para lidar com as diferenças e com os conflitos aí vigentes.

Por sua vez, os pais e as mães bem como as pessoas responsáveis se sentiriam apoiados, porque não andariam sozinhos nessa caminhada, já que todas as pessoas partícipes do contexto educativo, lhes dariam o devido aporte. Por isso, a instituição de ensino estando aberta à diversidade de opiniões, e o currículo escolar voltado às alteridades, conseqüentemente sublevariam as relações humanas, dentro e fora do universo escolar.

A esse respeito, a música “Portas”, composta e interpretada por Marisa Monte, faz uma alusão à proposição da aceitação da diversidade de culturas, metaforicamente representada pela palavra “portas”, nos seguintes versos: “[...] nesse corredor querem escolher uma porta só [...] e todas as portas servem para sair e para entrar [...]”⁴¹ Essa letra é muito profunda e revela a necessidade do respeito às diversidades nos vários âmbitos em que forem relacionadas.

Ao ser relacionada no aspecto da religiosidade, a palavra “portas” vai significar as várias possibilidades de escolhas religiosas, e que cada pessoa poderia ser e estar livre para fazer o seu próprio caminho. Infelizmente, na íntegra, encontram-se na escola algumas pessoas tendenciosas e proselitistas, cuja proposta acaba conduzindo a clientela estudantil a considerar uma realidade formatada em um pensamento unívoco, numa mesma “estrada”. Por isso, ao apresentar à juventude brasileira a diversidade de “portas” que existem no mundo, está sendo dado a ela, a oportunidade de cosmovisão.

Ademais, faz-se necessário apresentar também o currículo de maneiras variadas, já que “as cabeças são tão diferentes” e as realidades são completamente distintas, considerando que em cada território há uma singularidade e a nossa juventude sendo respeitada em suas religiosidades seria mais feliz e autoconfiante.

⁴¹ MONTE, Marisa. **Portas**. Disponível em: www.mundocultura.com.br/letrademusica-portas-marisa-monte. Acesso em: 30 jul. 2022, on-line.

A prática de cada pessoa docente, partindo de suas vivências e experiências, diz muito da trajetória de cada uma delas, e a forma como elas aprenderam, na maioria das vezes, é reproduzida no cotidiano de suas aulas, impactando na devolutiva das pessoas discentes, que hoje requerem mais aberturas para o diálogo e como consequência a afirmação de sua autonomia sem ideias impostas.

Portanto, as pessoas docentes levando a juventude a pensar sobre quantas portas poderia abrir, despertaria nela o desejo de aprender novas culturas, sem ideias preconcebidas. Ressignificando o currículo escolar, ao trazer para o espaço educativo discussões que venham contribuir com a cosmovisão, seria algo bastante relevante, pois a ressignificação deste currículo às reais necessidades da juventude estudantil do mundo digital contribuiria com a desconstrução da escola “invasiva” e “pragmática”, que não permite que as pessoas jovens tenham autonomia esperada para abrirem a sua própria “porta”, ou seja, serem livres para fazerem o seu próprio caminho.

Autores como Morin⁴², que conclamam aos professores e as professoras a reformarem o pensamento, fazendo parte da construção de planejamentos escolares, certamente ajudariam as pessoas docentes a repensarem a sua prática educativa. Assim como Sacristàn⁴³ esclarece sobre a importância de educar por competências, que facilitam o caminho das respostas, isto é, uma das muitas portas que existem para se chegar à socialização. Em Taylor⁴⁴, é preciso pensar um currículo escolar que seja eficiente e que promova diálogos entre as áreas, referentes aos componentes curriculares, como também relacionados às vivências das pessoas jovens estudantes, que hoje, estão mais curiosas, ávidas por conhecerem o novo.

Gallo⁴⁵, em sua abordagem sobre currículo rizomático, também instiga as pessoas educadoras a pensarem o currículo em versões multidisciplinares, onde o conteúdo seja trabalhado em diversas áreas do conhecimento, que ao perpassarem dialogicamente, trariam significações para as pessoas envolvidas no ambiente da

⁴² MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

⁴³ SÀCRISTAN, J. G. *et al.* **Educar por competências: o que há de novo?** Tradução de Carlos Henrique Lucas Lima. Porto Alegre: Artmed, 2011, p. 13-63.

⁴⁴ TAYLOR, Charles. **Multiculturalismo: Examinando a Política de Reconhecimento**. Tradução de Marta Machado. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

⁴⁵ GALLO, Silvio. **Educação e Intolerância**; Impulso, vol. 7, nº 16, Piracicaba: Unimep, 1994.

sala de aula. Em sua ideologia pedagógica, Arroyo concita as pessoas docentes à busca constante pelo respeito à pluralidade e à integração, como condições indispensáveis à apreensão dos conteúdos escolares.

Diante do que foi discutido sobre a boniteza do respeito às diversidades, as pessoas envolvidas na escola poderiam rever a forma como mediam o currículo, por que a pessoa discente só vai conquistar a sua autonomia, quando ela conseguir expor as suas ideias, ser aceita pelas e pelos colegas, da mesma forma que respeitar as outras pessoas também. E a escola ao ensinar a juventude a respeitar as diversidades está ensinando também a amá-las.

E eu gostaria, então, que os nossos currículos fossem parecidos com a “Banda”, que faz todo mundo marchar, sem mandar, simplesmente por falar as coisas de amor. Mas onde, nos nossos currículos, estão estas coisas de amor? Gostaria que eles se organizassem nas linhas do prazer: que falassem das coisas belas, que ensinassem Física com as estrelas, pipas, os piões e as bolinhas de gude, a Química, com a culinária, a Biologia, com as hortas e os aquários, Política com o jogo de xadrez, que houvesse a história cômica dos heróis, as crônicas dos erros dos cientistas, e que o prazer e suas técnicas fossem objeto de muita meditação e experimentação [...] E que a escola seja este espaço onde servem às nossas crianças com os aperitivos do futuro, em direção ao qual os nossos corpos se inclinam e os nossos sonhos voam.⁴⁶

E o amor que a juventude aprender na escola e com a família poderia ser compartilhado e ser levado para além das paredes internas de suas casas e do interior dos muros da escola. E o amor ao ser transportado desses espaços sociais micros a outras dimensões, produzirá benefícios incalculáveis. E que o verbo mais aprendido seja o “amar” e de acordo ao pensamento freiriano, sendo fundamento do diálogo, o amor é também diálogo e o diálogo não pode existir sem um profundo amor pelo mundo e pelos homens.

Com essas considerações, entende-se que a boniteza do respeito às diversidades religiosas, em que a escola e a família se despontam para as alteridades, ainda é visível nas sociedades humanas, porque ainda existem pessoas que são capazes de sonhar. O sonho de Martin Luther King ainda desperta o sentimento do amor, que por sua vez, abre-se à sensibilidade dos homens e das mulheres que ainda estão dispostos a pôr em prática o verbo amar.

⁴⁶ ALVES, Rubem. **Estórias de quem gosta de ensinar**. 8. ed. Campinas: Papirus, 2013, p.106.

3 O PAPEL SOCIAL DA ESCOLA NO ACOLHIMENTO ÀS DIVERSIDADES RELIGIOSAS

A dimensão religiosa é algo inerente ao indivíduo e à sociedade, expressa em múltiplas formas em todas as épocas e culturas, desde os primórdios da humanidade até hoje. A compreensão da relevância dessa dimensão como um elemento indispensável para uma educação integral e integradora do ser humano tem motivado os educadores na sua busca por uma formação que atenda às exigências desse campo do conhecimento no contexto caracterizado pelo pluralismo e diversidade religiosa da sociedade contemporânea.⁴⁷

O mundo já está aberto ao pluralismo religioso e a escola poderia abrir-se também. As pessoas docentes rompendo com os paradigmas que foram difundidos durante séculos acerca do monopólio religioso, auxiliam a escola, no cumprimento de seu papel social. Os grupos de trabalho da instituição escolar ao acompanharem as cosmovisões do mundo contemporâneo, que têm feito um grande benefício à humanidade, promoveriam o respeito às singularidades que permeiam um mundo cada vez mais pluralizado com a diversidade cultural que perpassa as relações sociais.

Para que essa ideia se efetive, a pessoa educadora será a mola propulsora que vai torná-la possível, na medida que pensa sobre o fazer pedagógico, o planeja e ao executar a sua prática educativa, objetiva o desenvolvimento de sua clientela estudantil, em aspectos que vão além da cognição. Portanto, é através da pessoa docente que os projetos pedagógicos saem do papel. E o melhor de tudo isso é que, quando as professoras e os professores procuram ter cosmovisões acerca do currículo escolar, e fomentam em sua juventude aprendiz essa ideia, as pessoas discentes se tornam mais autônomas em suas buscas por saberes, que vão além do que é proposto no currículo escolar.

Assim, a clientela estudantil sente-se mais acolhida, mais confiante e conseqüentemente mais acolhedora e promotora de sentimentos de confiabilidade para com os/as outros/as colegas. Conforme McDermott,⁴⁸ em suas

⁴⁷ KRONBAUER, Selenir Corrêa Gonçalves; STROHER, Marga Janete (org.). **Educar para a convivência na diversidade**: desafio à formação de professores. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 6. (Coleção docentes em formação).

⁴⁸ McDERMOTT, Gerald R. et al. **Cristãos, muçulmanos e judeus adoram o mesmo Deus? Quatro visões**. Tradução de Marcus Braga. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022, p. 59.

indagações sobre a cosmovisão, ele questiona e responde enfatizando que o pluralismo nos torna mais humildes, se talvez considerássemos os outros religiosos mais semelhantes a nós e se pensássemos que a sua adoração fosse igual à nossa em algum nível.

Para ele, o pluralismo levaria a humanidade ao sentimento da generosidade se existissem igrejas plurais, pois segundo o autor, ainda não existem, apesar de que ele finaliza o pensamento asseverando que os adeptos do unitário-universalismo sustentem essa ideia.

Transmutando o pensamento do autor para o ambiente educativo, em que o papel social da escola é o de promover o respeito às diferenças, observa-se que os valores abordados por ele, como a humildade e a generosidade, são elementos trabalhados no cotidiano escolar, a partir dos conteúdos atitudinais, vistos em todas as áreas do currículo escolar, principalmente nos componentes de humanas e de linguagens, mediante variados tipos de suportes textuais.

Contudo, a instituição de ensino poderia intensificar mais a disseminação desses valores, para que tanto a generosidade quanto a humildade sejam mais apreciadas nos contextos escolares. Ao reforçar os valores supramencionados, a escola conseguiria cumprir o seu papel social, e quando as pessoas jovens são alcançadas a partir desses sentimentos, conseqüentemente, aprendem a ser pessoas mais generosas e mais humildes, desconstruindo ideias contrárias aos sentimentos do egoísmo e da vaidade.

E nesse olhar, com a contribuição ímpar das pessoas educadoras, a cosmovisão vai ganharia mais visibilidade e as pessoas envolvidas com as ideologias plurais que circulam no mundo, iriam se autoafirmando e respeitando também as diferenças. Os pensamentos dos autores aqui evidenciados, vão ao encontro das necessidades de uma boa parte das pessoas inseridas nos contextos da globalização, em que muitas novidades vão surgindo a cada dia, em todos os vieses do conhecimento e das relações humanas, e é necessário que a escola esteja atenta ao qual mundo plural tem nos revelado cotidianamente.

Fugir a esse fato é retroceder e a instituição escolar poderia acompanhar os avanços do mundo moderno para que não carregue o fardo do retrocesso. Se a

escola não acolher as pessoas que estão conectadas a esse mundo, provavelmente perderá a sua própria conexão com elas. Todos e todas do ambiente educativo, sentindo-se responsáveis pelas crianças e pelas pessoas jovens, fazendo a sua parte, sendo “pontes”, não literalmente, mas se propondo a ser um elo, provavelmente levariam essa juventude a se encontrar nos sonhos e a concretizá-los.

Certamente, agindo assim, as pessoas da escola contribuiriam intensa e favoravelmente também para o bem-estar social de sua clientela estudantil. A instituição escolar, como um todo, poderia promover as cosmovisões para as pessoas que aí estão inseridas, em consequência disso, levando-as a aprender a ser, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a conhecer. Esses Pilares favorecem a prática educativa, pois são aspectos imprescindíveis à mesma. Ao serem levados em consideração no dia a dia escolar embasam toda a ação pedagógica, pelo fato deles se adequarem muito bem às necessidades do mundo cada vez mais plural.

Outro vocábulo que poderia direcionar as ações pedagógicas é a palavra respeito. Se as pessoas docentes refletissem sobre a sua práxis, de modo a repensarem sobre ela e a fazerem o que é necessário fazer, seja no nível pedagógico ou até nas relações interpessoais com as crianças e com as pessoas jovens, elas seriam ainda mais motivadas à participação efetiva em sala de aula, de maneira que obtenham êxito em sua vida acadêmica, que de certa forma, tem relação direta com a sua vida pessoal. Para ensiná-las a respeitar, as pessoas educadoras poderiam fomentar esse respeito a partir de seus próprios exemplos, ou seja, respeitando e sendo respeitado.

3.1 A ESCOLA COMO UM ELO PARA A EMANCIPAÇÃO DA CLIENTELA ESTUDANTIL

Muitas vezes, as frustrações da clientela estudantil surgem na escola ou em seus lares, quando as pessoas envolvidas nesses ambientes não lhes motivam à autoconfiança. Mas, se elas são acolhidas, escutadas e as pessoas inseridas no ambiente educativo se sensibilizam com as suas histórias de vida, provavelmente, contribuiriam com as suas emancipações, sejam nos aspectos cognitivos, pessoais

e em outras finalidades. E no que diz respeito às escolhas religiosas delas, a unidade escolar poderia acolhê-las também.

Agindo desta maneira, todos e todas ficariam felizes com o sucesso delas, e as fariam ser felizes também, pois promoveriam, além do desenvolvimento cognitivo, aspectos ligados ao emocional que são imprescindíveis na construção do processo educativo. E a partir da autoconfiança conquistada pelos estímulos que lhes foram mediados, a clientela infanto-juvenil se sentiria segura diante de seus objetivos ou na transposição de suas dificuldades.

Por meio desse acolhimento, as pessoas discentes ficariam mais fortalecidas para as suas vivências nos segmentos sociais dos quais participam, e as suas intervenções nas decisões do grupo em que estivessem inseridas dariam mais força para que elas continuem interagindo e vencendo os desafios caso venham a enfrentar.

Portanto, a escola poderia ser o elo para a criançada e a juventude buscarem a sua emancipação nos níveis que essas pessoas aprendizes desejam alcançar. Se a escola não cumprir a sua responsabilidade, nos aspectos que poderia realizar, provavelmente as pessoas estudantis não se sentirão motivadas a alçarem voos. Sendo assim, tanto no acolhimento à pessoa educanda quanto no respeito às alteridades, é importante que a escola forneça essa informação, agora no sentido de que todos os saberes são válidos, e isso significa afirmar que ninguém é dono da verdade ou do saber, e que todos e todas sabem algo e que poderiam ser acolhidos/as em suas falas, em suas vivências e em suas experiências.

Seria bastante relevante socializar e não achar que estamos “transmitindo” saberes e que estas pessoas não têm nada a nos acrescentar. Muito pelo contrário, como o grande educador brasileiro Paulo Freire⁴⁹ afirmou que ninguém ignora tudo, ninguém sabe tudo. Cientes dessa assertiva, pode-se aprender com o outro à medida em que se ensina. Assim, as pessoas serão compartilhadoras de conhecimento e em consequência disso, contribuirão para um mundo mais igualitário, no sentido do respeito às diversidades de opiniões, de conhecimentos e de pensamentos.

⁴⁹ FREIRE, 2008.

Sobre tal aspecto, Jorge Larrosa faz uma crítica implícita quando escreve “Na Casa do Estudo só falam Os-que-sabem e por isso suas palavras são sábias [...] demasiadas palavras [...] que se negam a desaparecer,”⁵⁰ sutilmente, mediante metáforas bem elaboradas, o autor quer dizer que a escola poderia abrir-se mais aos saberes que os estudantes têm e trazem, e não somente aos saberes acadêmicos.

Todos os conhecimentos poderiam também ser validados, pois segundo o autor, a liberdade de conhecer, de ler um livro, só acontece em um livro queimado, ou seja, há uma desconstrução da linearidade, da padronização, da transmissão do aprendizado, porque vai depender do desejo que é fomentado nessa pessoa aprendiz, pois a forma como ela é estimulada promoveria a inquietude e a aventura rumo ao desconhecido, e jamais delimitando-a, em seus desejos, sonhos, objetivos e na curiosidade da descoberta de outras realidades, de outros saberes.

Ainda nessa direção, Larrosa também convida as pessoas docentes a outras reflexões. As suas ideias dizem respeito ao pensar a educação de forma a ampliar as visões de mundo, desconstruindo paradigmas e sublevando as mentes de modo a confrontar conhecimentos, dessacralizando saberes, subvertendo as regras, dando espaço ao lúdico, ao riso, ao que é diferente. O autor afirma que a educação poderia ser um espaço capaz de abrir-se às alteridades. Para ele, a escola não deveria estar sensível apenas aos saberes acadêmicos das pessoas aprendizes, mas dar-lhes também oportunidade de fazerem parte do âmbito do sagrado.

Por sua vez, Rubem Alves também faz um alerta às pessoas educadoras, as provocando com belíssimas e profundas reflexões sobre os processos do ensinar e do aprender, em que as histórias contadas são descritas de forma bem simples e encantadora, pois há uma sensibilidade na forma do contar essas histórias pelo professor. O autor desperta a todos e todas para o reaprender a ensinar através de sugestões de atitudes construtivas e proativas que suscitem à pessoa aprendiz, a vontade de querer aprender sempre e cada vez mais, e principalmente, sobre os saberes de um mundo cada vez mais plural.

⁵⁰ LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascarados. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 203-204.

Porém, não somente o saber institucional, como também o desejo de permanência naquele espaço do conhecimento, para vivenciar momentos de alegria na própria busca desse(s) aprendizado(s), inclusive, os/as seus/suas próprios/as pais/mães desejam para os seus filhos e para suas filhas, que esse ambiente educativo tenha uma utilidade social, ou seja, que haja o espaço para o riso, para a diversão, para a apreciação do belo e não somente para a realização das lições escolares, de aprender o currículo. Eles e elas também têm o desejo de que as suas crianças, as suas pessoas jovens sejam preparadas para as lições que a vida lhes apresentará.

O nascimento do pensamento é igual ao nascimento de uma criança: tudo começa com um ato de amor. Uma semente há de ser depositada no ventre vazio. E a semente do pensamento é o sonho. Por isso, os educadores antes de serem especialistas em ferramentas do saber, deveriam ser especialistas em amor: intérpretes de sonhos.⁵¹

Segundo Rubem Alves, as palavras devem ser aperitivos do futuro, para inclinar a todos e a todas da escola de hoje, a encontrarem futuramente, uma escola superior de paz. No entanto, seria muito propício criar os meios necessários hoje, sem os quais a escola não será atrativa e não os/as ajudará a realizarem os seus sonhos, os seus objetivos de vida, levando a clientela juvenil desse contexto à frustração.

Quanto às palavras emancipação e acolhimento, inseridas nos conteúdos procedimentais e atitudinais do currículo escolar, a ideia de que a pessoa discente só se emancipa por intermédio do que as pessoas educadoras “transmitem” para ela, poderia ser desconstruída. E na verdade, isso não pode ser encarado como transmissão, e sim, como mediação do conhecimento, que ocorre também pela troca de informações, de experiências e de coisas significativas para todas as pessoas envolvidas no processo educativo.

Com base nas ideologias dos autores e das autoras aqui sinalizados/as, cabe à professora, ao professor tornar o conhecimento de mundo mais interessante para as pessoas educandas, e que a pluralidade e a diferença sejam os principais fundamentos para uma educação infinita de sentido. Reforçar essa ideia

⁵¹ ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. Campinas: Papirus, 1994, p.82.

cotidianamente seria de grande relevância, pois romper com aquilo que é tácito na prática educativa é muito válido. E ao se conscientizar de que não “detém” todo o conhecimento do mundo, e de que não são somente os seus saberes que são válidos, em detrimento dos saberes de sua clientela jovem aprendiz, a pessoa docente vai conduzindo positivamente o processo de ensino-aprendizagem de suas turmas escolares.

Quem pensa que nem todas as pessoas podem ensinar, e que somente aquelas que são portadoras de diplomas e de outros títulos acadêmicos é que devem fazer isso, poderiam rever as suas posturas nesse sentido, pois no processo educativo e nas próprias relações de convivência humana, todos e todas aprendem mutuamente, principalmente por meio da interação. E é justamente nesse contexto de interação que a aprendizagem se efetiva, pois os saberes necessários à própria sobrevivência humana perpassam e são compartilhados nesse processo interativo.

Temos assim um movimento de constituição do Homem que passa pela vivência com os outros e vai-se consolidar na formação adulta de cada um de nós. A criança e o adulto trazem em si marcas de sua própria história- os aspectos pessoais que passaram por processos internos de transformação - assim como marcas da história acumulada no tempo dos grupos sociais com quem partilham e vivenciam o mundo. Assim, o indivíduo transforma-se de criança em adulto processando internamente, por meio de seu livre-arbítrio, as diversas visões do mundo com as quais convive.⁵²

É necessário também, entender-se que pode-se mediar o conhecimento, mas nunca “transferi-lo”, pois, verdadeiramente mestra é aquela pessoa que fomenta o desejo em sua clientela estudantil de ser caçadora ativa em todo tempo e que esta busca também deve ser constante. Por isso, o professor e a professora poderiam incutir na própria memória educativa de suas pessoas discentes que, no ambiente educativo, elas podem ousar, podem questionar e que sempre poderão ser acolhidas em suas indagações, como também em suas dúvidas, medos e ou anseios. As pessoas educandas estão ávidas em conhecerem sempre, mas se não houver incentivo a essa busca, certamente estarão sendo limitadas ou até mesmo cerceadas nos sonhos e nos saberes que elas têm/possuem. Para aprenderem a respeitar as alteridades, precisam ser respeitadas também.

⁵² VIGOTSKY, Lev. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

Assim, a principal tarefa da pessoa educadora é fazer com que o conhecimento seja significativo, interessante, prazeroso e que contribua para a felicidade de suas crianças e de sua juventude hoje, para que amanhã elas sejam ainda mais felizes do que são agora, se já forem felizes, provavelmente, serão pessoas mais amorosas, mais acolhedoras e mais preocupadas com os problemas sociais e poderão interferir positivamente no constructo de uma sociedade mais igualitária, mais fraterna e mais justa.

No pensamento freiriano, o principal objetivo da escola seria o de ensinar a juventude a ler o mundo para poder transformá-lo, e é muito importante fortalecer esse pensamento, pois certamente ajudará a pessoa educadora na realização de práticas que garantam a autonomia das crianças e das pessoas adolescentes. Outro pensamento muito relevante e paralelo a esse é o de Morin, ao afirmar que o principal objetivo da escola seria o de ensinar valores, para que a criança possa compreender a si mesma, e em consequência disso, compreender a humanidade como um todo.

Quando a pessoa infante é motivada, é acolhida, é entendida, ela passa a fazer o mesmo com as outras pessoas que estão em suas vivências diárias. E Rocha⁵³, ao escrever “Quando a escola é de vidro”, apresenta as várias maneiras como durante muito tempo a instituição de ensino tratou as pessoas discentes, pois quando a criança é subestimada, é menosprezada, por ter sua voz abafada e a sua experiência tolhida, termina sentindo-se insegura no mundo do qual ela faz parte.

Mas, quando a criança consegue transpor o vidro que a prende, consequentemente, liberta-se dos formatos que a escola se equivocou ao construí-los e por sua vez, a pessoa aprendiz começa a querer acolher outras pessoas, pois já vivenciou o sofrimento de não ser acolhida. A partir dessas observações, percebe-se que a escola poderia abrir-se às alteridades, dando-lhes o devido acolhimento. Se cada pessoa jovem aprendiz detém um saber, é de grande relevância que a instituição escolar lhe dê espaço para compartilhá-lo também.

Pois, sentindo-se acolhida, a juventude saiba e reconheça a sua importância na sociedade, para que se sinta capaz de interferir no mundo proativamente,

⁵³ ROCHA, Ruth. **Admirável mundo louco, uns pelos outros**: quando a escola é de vidro. Rio de Janeiro: Salamandra, 1986.

transmutando realidades e movimentando os grupos sociais, dos quais fazem parte, a mudarem também o entorno, desconstruindo assim ideologias tradicionais.

Se eu pudesse,
daria um globo terrestre a cada criança...
Se possível, até um globo luminoso
na esperança de alargar ao máximo a visão infantil
e de ir despertando interesse e amor
por todos os povos,
todas as raças,
todas as línguas,
todas as religiões!
(Dom Helder Camara)⁵⁴

Na crônica “Minha primeira história”, Ângelo⁵⁵ faz uma crítica social à metodologia adotada pelas pessoas docentes. Conforme o autor, elas agem em seu cotidiano escolar como personalidades opressoras, onde não dão oportunidade de seus alunos e de suas alunas questionarem, indagarem, expressarem os seus sentimentos e de até mesmo opinarem sobre os mais diversos assuntos. E no que diz respeito à religião, o problema se intensifica ainda mais, porquanto apenas uma religião é validada, a da própria professora de Religião que com seu proselitismo não aceita perguntas neste contexto e vem dar aulas tendenciosas com apenas um olhar religioso.

Desta forma, a instituição escolar, com todos os segmentos de trabalho como as pessoas gestoras, coordenadoras, educadoras, dentre outras participantes do espaço educativo, revendo e revertendo o seu papel social a contento, promoveriam um clima favorável de respeito às diversidades. E as pessoas docentes, que são a comissão de frente desse processo, poderiam colaborar efetivamente com essa mudança, porque a juventude de hoje, não está mais aceitando ser formatada. Ela quer continuar sonhando com o mundo que atenda aos seus anseios, e a escola poderia atentar para tal evento.

De fato, as necessidades das crianças e das pessoas jovens estão voltadas para a amizade, para o namoro, para os saberes gerais, para a fé e para uma infinidade de desejos, que precisam ser acolhidos. Além desses aspectos, as pessoas discentes do mundo moderno são muito curiosas e mais destemidas e com

⁵⁴ CAMARA, Dom Helder. **Mil razões para viver**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

⁵⁵ ANGELO, I. Minha primeira história. *In*. ABRAMOVICH, F. **Meu professor inesquecível: ensinamentos e aprendizados contados por alguns de nossos melhores escritores** (org.). São Paulo: Editora Gente, 1997

o advento da internet elas se tornaram pessoas mais desejosas de informações, de conhecimentos, bem diferentes daquelas crianças e daquela juventude de outrora, em que as famílias lhes impunham medo de conhecer o mundo e a escola era bem parceira, reforçando esse temor.

O novo faz parte da constituição psico-física do jovem. Os sonhos, as utopias e os desafios fazem parte desta novidade emergente que sente em si, como dinamismo vivo, tudo que deseja para todos. Ele vê e sente a partir de uma ótica que ainda não existiu. Esta novidade desinstala toda estrutura. O jovem cria o novo até em suas próprias dificuldades; não tem medo da novidade, mas sente uma atração irresistível por ele.⁵⁶

De acordo a esses pensamentos, faz-se necessário que as pessoas da escola estimulem a juventude ao respeito às alteridades. Quando são estimulados/as a isso, as pessoas discentes tendem a estar mais propensas ao acolhimento, pois foram bem preparadas para esse fim. O contrário disso, incidirá em pessoas despreparadas para conviver em sociedades mais amplas, que requerem uma humanidade mais sensível ao altruísmo e à empatia. Conforme Brandenburg⁵⁷ (2013) falar de espiritualidade na escola não se restringe evidentemente à aula de Ensino Religioso, mas ao modo como a abordagem da espiritualidade é concebida no Projeto Político-Pedagógico e como isso se expressa no currículo oculto.

Para a autora, o que deve ser mediado a partir do currículo escolar é a forma como a espiritualidade deve ser demonstrada, seja nos gestos, nas falas, nos elementos subliminares presentes no cotidiano dessas relações interpessoais. Partindo dessa visão, entende-se que quando a espiritualidade é valorizada na criança e na pessoa jovem, a partir dos aspectos anteriormente mencionados, independentemente de sua religião, os relacionamentos humanos ficam mais estreitos.

O ensino religioso poderia trabalhar a sensibilidade ao transcendente e uma posterior reflexão sobre os sentimentos experimentados nas vivências religiosas feitas tanto no âmbito familiar quanto no escolar.⁵⁸

⁵⁶ DICK, 2004, p. 24-29.

⁵⁷ BRANDENBURG, Laude Erandi. **Concepções epistemológicas no Ensino Religioso**: desafios para a práxis. Estudos Teológicos. São Leopoldo: EST, ano 46, n. 2, 2006, p. 45-59.

⁵⁸ BRANDENBURG, 2006, p. 59.

Diante do que foi proposto nessas linhas, as questões voltadas às diversidades religiosas no âmbito escolar poderiam ser devidamente cuidadas a partir do próprio currículo escolar, não necessariamente como conteúdos conceituais, mas nos aspectos que estão correlacionados aos conteúdos procedimentais e atitudinais, que objetivam validar as alteridades como sagradas, tanto quanto as religiões de cunhos tradicionais. Não é proposta desta pesquisa discutir sobre cada religião com suas conceituações filosóficas e ou dogmáticas. O que se pretende aqui, é justamente fomentar discussões, estimular debates e diálogos inter-religiosos, embasados em gêneros textuais literários e não literários, objetivando a promoção do respeito às alteridades.

3.2 O CUIDADO NECESSÁRIO NO LIDAR COM AS ALTERIDADES

O cuidado pode ser comparado às atitudes da mãe grávida que se esmera em gestos de ternura e delicadeza, para proteger a fragilidade da vida humana nascente e já presente, mas ainda não visível e não autossustentável. Ainda necessita de inúmeros cuidados e delicadezas para que essa vida incipiente se desenvolva de forma sadia. A ternura é o afeto que devotamos às pessoas e o cuidado que aplicamos às situações existenciais. É um conhecimento que vai além da razão, pois se mostra como inteligência que intui, vê fundo e estabelece comunhão. A ternura é o cuidado sem obsessão.⁵⁹

Conforme Calligaris⁶⁰ nossos adolescentes amam, estudam, brigam, trabalham. Batalham com os seus corpos, que se esticam e se transformam. Lidam com as dificuldades de crescer no quadro complicado da família moderna. Como se diz hoje, eles se procuram eventualmente se acham. Através desse pensamento do autor, há um chamado para que as pessoas adultas percebam o esforço dessa juventude em superar os problemas dos quais vivenciam.

E as famílias, estando atentas a isso, ofereceriam esse acolhimento aos seus filhos e às suas filhas Apesar de não terem mais a fragilidade da pessoa infante, no entanto, ainda requerem muito cuidado, seja no âmbito da afetividade, da ternura, da delicadeza ou nos tratamentos essenciais que ao serem dados a eles/as, durante a sua convivência familiar, os/as fortaleceriam. Tais insumos fariam toda a

⁵⁹ CRESTANI, Alfredo. **As Múltiplas Dimensões do Cuidado**: Aprimoramento das Relações Educativas. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2014, p. 32.

⁶⁰ CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2009, p. 9-10.

diferença no futuro, pois esses meninos e essas meninas, provavelmente, se tornariam pessoas mais bondosas, mais fraternas e mais amáveis, pois foram cultivadas em suas tenras idades para esse fim.

Por isso, nessa fase, seria de suma importância dar-se a devida atenção às crianças e à juventude, por ser esse um momento singular na vida de todos e todas, em que eles/elas buscam conquistar os seus objetivos, os seus anseios, e precisam do apoio de outras pessoas em que possam confiar, principalmente seus pares, para que eles/elas consigam se autoafirmar, começando em casa, se estendendo na escola e completando o seu ciclo de relações interpessoais nos contextos sociais mais amplos.

Com efeito, é no âmbito do afeto que emerge o mundo das excelências. Em seu interior é que emerge a dimensão existencial do cuidado, nascem os valores, aquilo que nos agrada e desagradam, que é bom para nós e para os outros e que nos move para a ação.⁶¹

A pessoa jovem só vai conseguir alçar voos com segurança, a partir desses aportes, o contrário disso poderia acarretar desesperança e estagnação. Os versos da canção de Milton Nascimento que dizem sobre o cuidar do broto para que a vida dê flores e frutos nos chamam a atenção para a veracidade do cuidado para com a juventude, que pode sucumbir, se não for bem assistida em seus sonhos. Por isso que o autor desta belíssima composição intensifica a ideia de que a pessoa jovem poderia cuidar-se na vida e no mundo, para que o retorno positivo desse cuidar seja alcançado por ela.

Se não houver esse cuidado, provavelmente, o fruto esperado para a boa colheita, metaforicamente explicando, poderá não se fazer presente em nossa sociedade. Sendo assim, os elementos essenciais para os fins sociais como fraternidade, igualdade e justiça precisam ser “cultivados” nas crianças e na juventude, para que os frutos sejam colhidos por todas e todos. E isso tudo poderá trazer uma felicidade coletiva, já que é um sonho comum às populações humanas.

Mas há certos sonhos que moram na alma de todas as pessoas. Jung deu a esses sonhos universais o nome de “arquétipos”. Esses são os sonhos fundamentais. O fato de termos, todos, os mesmos sonhos fundamentais cria a possibilidade de “comunhão”. Ao compartilhar os mesmos sonhos descobrimo-nos irmãos. Um desses sonhos fundamentais é um “jardim.”⁶²

⁶¹ BOFF, Leonardo. **O cuidado necessário**: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 83.

⁶² BOFF, 2013.

De acordo com o dicionário Aulete⁶³, a palavra “cuidado” significa “atenção especial ou precaução; cautela; prudência; responsabilidade, encargo, incumbência; zelo, desvelo, dedicação”. Trazendo esses significados para as vivências familiares, nos contextos do cuidado com as crianças e com as pessoas jovens, conclui-se que a família, como primeiro núcleo social, ao dar o devido aporte aos seus e às suas descendentes, desenvolverão a autoconfiança e o amor-próprio neles e nelas.

No entanto, é dever da família estimular as pessoas jovens a darem reciprocidade aos valores que lhes foram ensinados, sendo, portanto, mais sensíveis às necessidades das outras pessoas, assim como gostariam de ser ajudadas e acolhidas pelas outras pessoas, próximas ou não à sua convivência diária. Eugênio Paes Campos⁶⁴ ensina que o ato de cuidar é a materialização de um sentimento de amor. Para ele, amar é fazer de si mesmo dom ao outro, é entregar-se incondicionalmente ao outro, ou seja, é senti-lo dentro.

Essas considerações conclamam sobre a necessidade do cuidado com as crianças e com as pessoas jovens, para que elas aprendam também a cuidar de outras tantas pessoas, dentro e fora de seu convívio social. Além da família, a escola também, ao cuidar de sua clientela estudantil, contribui para que eles e elas possam “florescer” além dos objetivos elencados pelas instituições de ensino. Como o cuidado também é uma forma de amar, Freire⁶⁵ afirma que não há educação sem amor. Para o professor supramencionado, a educação é uma forma de intervenção no mundo, no sentido de mudá-lo.

O pensamento freiriano apresenta a ideia de que pessoa educadora e pessoa educanda, juntas, aprendem na troca de saberes e de experiências que, unidas, poderiam contribuir para a construção do inédito viável, que é aquele sonho possível de ser antecipado; a realização de uma ideia geradora que chegou ao seu amadurecimento e que por isso, ninguém pode calá-la; enfim, para Freire, é o irromper de um mundo novo no qual não seja tão difícil amar e ser gente.

⁶³ AULETE, Caldas. **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011. 1488p.

⁶⁴ CAMPOS, Eugenio Paes. **Quem cuida do cuidador?** Orientação de Monique Augras. Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Psicologia, 2004.

⁶⁵ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia- Saberes Necessários à Prática Educativa**. 15. Ed. São Paulo Editora Paz e Terra, 2000.

Se queremos uma educação para a vida, para a satisfação individual e coletiva, que nos ajude a ter um contato sensível e consciente com o belo e, ao mesmo tempo que nos ensine a cuidar do planeta em que vivemos de forma sustentável, temos então, de falar não simplesmente de qualidade de educação, mas como prefiro chamar, de qualidade sociocultural e socioambiental da educação.⁶⁶

No que diz respeito ao aspecto da qualidade sociocultural da educação, o estabelecimento de ensino ao promover o respeito às alteridades, que é um caminho favorável à aceitação das diferenças, nos vários âmbitos do contexto escolar, contribui para o clima democrático, que é essencial para a consolidação da liberdade de expressão para os atores e as atrizes sociais aí inseridos/as e o ambiente educativo é a ponte para a realização de projetos que fomentem este cuidado com as outras pessoas, de forma a desembocar positivamente na sociedade maior.

Se não houver esse clima de respeitabilidade mútua, a partir das identidades dos grupos sociais que convivem neste espaço, urge que as pessoas educadoras realizem projetos pedagógicos e socioculturais que venham lhes auxiliar nas demandas escolares, pois essas por sua vez podem se transformar em grandes transtornos sociais, que poderiam ter sido resolvidas no ambiente educativo, antes de serem transpostas do interior dos muros das escolas, por meio de cuidados diários.

De acordo com Boff,⁶⁷ o cuidado serve de crítica à nossa civilização agonizante e de princípio inspirador de um novo paradigma de convivialidade. E corroborando o pensamento boffiano, os versos de Cora Coralina⁶⁸ trazem profundas reflexões sobre a necessidade do cuidado que todos e todas poderiam ter entre si.

Quando a poetisa enfatiza que nada do que vivemos tem sentido se não tocarmos o coração das pessoas, ela reforça subjacentemente a ideia do cuidado, quando faz alusão a esse “tocar”, que é justamente ser empático/a, à medida que se percebe a outra pessoa e se é percebido/a também por ela. Nisso há um ganho social, pois a percepção se tornando mútua, afirma e reafirma a todas as pessoas, partícipes de grupos sociais diversos.

⁶⁶ ANTUNES, Ângela; PADILHA, Paulo Roberto. **Educação Cidadã, Educação Integral: fundamentos e práticas.** São Paulo: Editora e Livraria Paulo Freire, 2010.

⁶⁷ BOFF, 2012.

⁶⁸ CORALINA, Cora. **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1965.

A educação, atualmente, vive o desafio de dar respostas a incessantes incertezas, indicar caminhos, diante de tantos oferecidos e questionados, num mundo em constante transformação. Essa modificação profunda da existência humana coloca-nos perante o dever de compreender melhor o mundo, de cultivar a compreensão mútua, a ajuda pacífica e harmoniosa, valores de que o mundo mais carece.⁶⁹

Assim sendo, quando a família e a escola atentam para a responsabilidade que têm acerca da mediação de valores sociais às suas crianças e à sua juventude, já que são pessoas formadoras de opinião, acabam “transmitindo” e “mediando” aspectos referentes às tradições e aos costumes de seus grupos identitários. Portanto, ao abrirem-se para as alteridades, as pessoas envolvidas na unidade escolar aprenderiam a corporificar o exemplo pela prática. Afirma Freire.⁷⁰

Por isso, é possível conduzir estas pessoas jovens aprendizes, baseadas em princípios éticos e morais, pautados no respeito aos sentimentos, às escolhas e aos objetivos de vida dos/as seus/suas colegas e dos/as seus/suas amigos/as deles/as, que algumas vezes poderão destoar da forma como eles/as pensam e/ou acreditam. Se a família e a escola desempenharem bem o seu papel social, certamente, conseguirão enviar para a sociedade, pessoas acolhedoras das alteridades, que por sua vez agirão naturalmente perante as adversidades. Portanto, essa é a proposta dos diálogos inter-religiosos em contextos escolares, principalmente, nas instituições públicas, onde há uma incidência maior de desrespeito às Diversidades Religiosas.

Eu sempre me preocupei muito com aquilo que as escolas fazem com as crianças. Agora estou me preocupando com aquilo que as escolas fazem com os professores. Os professores que fizeram as perguntas já foram crianças; quando crianças, suas perguntas eram outras, seu mundo era outro [...]. Foi a instituição “escola” que lhes ensinou a maneira certa de beber água: cada um no seu ribeirão [...] Mas as instituições são criações humanas. Podem ser mudadas. E, se forem mudadas, os professores aprenderão o prazer de beber águas de outros ribeirões e voltarão a fazer as perguntas que faziam quando crianças.⁷¹

De acordo com o artigo 19 da Constituição brasileira inciso I “Ninguém poderá ser molestado por suas opiniões” e no inciso II “Toda pessoa terá o direito à

⁶⁹ MARCHETTO, Gloria Lourdes Alessi. **Educação para a paz: um caminho necessário**. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 59. (Coleção docentes em formação).

⁷⁰ FREIRE, 2008.

⁷¹ ALVES, 2004.

liberdade de expressão,⁷² KROUNBAUER,⁷³ assevera que apesar de todos esses documentos e apesar de o mundo, atualmente, estar mais consciente e mais reflexivo em relação aos assuntos que envolvem respeito, diversidade, cultura, tolerância, intolerância, inclusão e exclusão, as hostilidades ainda continuam. E cabe à escola e à família, a desconstrução dos elementos que entravam a ideologia do cuidado com as diversidades.

Conforme Boff⁷⁴ cuidar e ser cuidado são duas demandas fundamentais da existência pessoal e social da humanidade. Entende-se com essa assertiva que as pessoas poderiam se cuidar mutuamente, de forma a contribuírem com um mundo mais pacífico. O autor enfatiza que é necessário fazer algo que o modifique e que construa a paz em seu entorno. Boff traz a ideia de que seria bastante relevante haver uma mobilização de todos os segmentos sociais, objetivando conscientizar as pessoas da Terra sobre as múltiplas dimensões do cuidado, e de que maneira elas poderiam intervir no mundo, à medida que cuidam umas das outras.

3.3 PROPOSIÇÃO DE DIÁLOGOS INTER-RELIGIOSOS EM CONTEXTOS ESCOLARES PÚBLICOS, NO ENSINO MÉDIO, PARA A PROMOÇÃO DO RESPEITO ÀS DIVERSIDADES RELIGIOSAS

Os educadores também têm de saber quais são seus 'mínimos decentes' de moralidade na hora de transmitir os valores, sobretudo no que diz respeito à educação pública, numa sociedade pluralista. Pois é certo que, por serem educadores, não têm legitimidade para transmitir, sem mais, apenas os valores que lhes pareçam oportunos. [...] Não seria urgente descobrir quais são os valores que podemos partilhar e que vale a pena ensinar? É ou não urgente descobrir um 'mínimo decente de valores' já partilhados?⁷⁵

No subcapítulo sobre o cuidado necessário no lidar com as alteridades, o pensamento de Boff é muito profundo e instiga a humanidade a repensar a importância do cuidado sobre todas as coisas que existem no mundo. Primeiramente, o olhar sobre nós, sobre o que estamos fazendo com as coisas do mundo, começando por nós mesmos/as, depois com as outras pessoas e em seguida na relação com a própria natureza.

⁷² BRASIL, 2014, on-line.

⁷³ KROUNBAUER, 2009.

⁷⁴ BOFF, 2012.

⁷⁵ CORTINA, Adela. **Ética sem moral**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

Nesse contexto, o autor ao introduzir a noção de cuidado, através da fenomenologia, apresenta a ideia de como o cuidar se realiza e se desvela em nós mesmos/as, enfatizando tal evento com a seguinte expressão “sem cuidado deixamos de ser humanos”⁷⁶ e tal sentença é um chamamento para que as pessoas, de um modo geral, se percebam nesse processo de cuidar das coisas do mundo, pois também são “partes” delas.

E nessa sequência, ele esclarece a partir da afirmativa “se não tomarmos o cuidado por base, não conseguiremos compreender o ser humano.”⁷⁷ Essa compreensão, que Boff nos concita à reflexão, relaciona-se à forma como as pessoas, cuidam de tantas coisas que possuem e que são perecíveis e as valorizam de tal maneira que, na maioria das vezes, não têm o cuidado com as outras pessoas próximas ou não próximas, com o mundo ou com aquilo que deveria ter o valor real.

Ainda nesse propósito, o autor aqui evidenciado discorre sobre a filologia da palavra cuidado, e sobre outras palavras que têm relação com o campo semântico deste vocábulo, tais como “[...] cura/coera (relações humanas de amor e amizade) e coyedar, coidar, (pensar no outro), colocar a atenção nele (desvelo e preocupação).”⁷⁸ Contudo, ele também faz alusão à visão filosófica das palavras, informando que “[...] as palavras estão grávidas de significados existenciais.”⁷⁹

Boff assevera que “precisamos desentranhar as palavras, essa riqueza escondida,”⁸⁰ isso evidencia que as palavras não estão soltas, estão relacionadas a contextos diversos, interligadas com as experiências humanas e com as significações e sentidos das próprias relações sociais de épocas distintas. Então, a partir dessas considerações, entende-se, através de seus estudos filológicos, que a palavra cuidado, revela a seguinte definição, que são: desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, bom trato.

Trazendo as ideias do autor supramencionado para os contextos da sala de aula, percebe-se que os significados e os sentidos da palavra cuidado transcendem ao que é posto em verbetes dos dicionários, gerando profundas reflexões sobre como as pessoas se estruturam e se realizam no mundo com as outras. Nesse viés,

⁷⁶ BOFF, Leonardo. **O cuidado essencial**: princípio de um novo ethos, 2005. Disponível em: <https://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1503>. Acesso em: 10 out. 2022, on-line.

⁷⁷ BOFF, 2005, on-line.

⁷⁸ BOFF, 2005, on-line.

⁷⁹ BOFF, 2005, on-line.

⁸⁰ BOFF, 2005, on-line.

a escola é um espaço que poderia concretizar essas ideias, tornando-as possíveis, para Boff “há dois modos básicos de ser-no-mundo: o trabalho e o cuidado.”⁸¹ Ambos se dão nos processos de interação e de intervenção.

Considerando que o processo de aprendizagem ocorre em decorrência de interações sucessivas entre as pessoas, a partir de uma relação vincular, é portanto, através do outro que o indivíduo adquire novas formas de pensar e agir, e dessa forma, apropria-se (ou constrói) novos conhecimentos.⁸²

Paralelamente a esses pensamentos, Rubem Alves alude que os “educadores são como velhas árvores.”⁸³ Para esse professor, “as pessoas educadoras possuem uma face, um nome, uma estória a ser contada”⁸⁴ e que esses/essas profissionais da educação habitam um mundo em que o que vale é a relação que os liga aos seus/as pessoas aprendizes. O autor encerra essa sentença reiterando que a educação é algo que sempre aconteceu nesse espaço invisível e denso que se estabelece a dois, ou seja, como espaço artesanal. Este é um aspecto que deve ser relevado nas relações escolares, em razão das pessoas docente e discente serem os principais artífices do processo educativo.

Essa ideia da interação entre os/as principais atores/atrizes sociais da escola é muito pertinente, porque o que se realiza nos contextos escolares, quando o assunto é a proposição de diálogos para a promoção do respeito às diversidades culturais, principalmente, em se tratando do tema religião, ainda é muito limitado, pois as interações que aí acontecem são apenas voltadas para fins pedagógicos e também, é intenção deste trabalho fomentar o respeito às Diversidades Religiosas, alcançando a sociedade de um modo geral, através de conteúdos e de projetos político-pedagógicos e sociais relacionados a este temática, de forma mais intensificada.

O principal motivo de que o respeito às diferentes culturas ainda é algo muito acirrado nos contextos educativos, refere-se principalmente aos problemas sociais que desembocam na escola, que por sua vez, não consegue resolver todas as demandas. E quando a instituição de ensino não abre espaço para discussões a esse respeito, indo na contrapartida do evento aqui em pauta, termina contribuindo

⁸¹ BOFF, 2005, on-line.

⁸² TASSONI, E.C.M. **Afetividade e produção escrita**: a mediação do professor na sala de aula. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Campinas, Campinas, 2009.

⁸³ ALVES, 2005.

⁸⁴ ALVES, 2005.

para reforçar e dar continuidade às problemáticas da sociedade mais ampla, no próprio universo escolar. Sendo assim, a proposição de diálogos inter-religiosos nos contextos escolares, contribuiria de maneira ímpar na reversão da Intolerância Religiosa.

O Diálogo só pode acontecer quando se reconhece e respeita a alteridade do interlocutor, bem como o valor de sua convicção. Não há possibilidade de reduzir o mistério do outro ao domínio do particular e à lógica da assimilação.⁸⁵

Ao romper com esse tipo de comportamento das pessoas da escola, a unidade escolar contribuiria positivamente na reversão dessa problemática, pelo fato de que o respeito às diversidades e às diferentes crenças já são direitos garantidos constitucionalmente. E o Brasil, sendo um país democrático, certamente que a instituição de ensino poderia seguir essa linha. Apesar da lei, ainda existe a ocorrência de atos que geram a Intolerância Religiosa nos espaços sociais mais amplos, por isso que o ambiente educativo poderia ser um grande aliado para a minimização desse grave problema.

Os desafios para cuidar desse entrave social de maneira cautelosa e pacífica são muitos, inclusive, porque é sabido que há muitas notícias de episódios de Intolerância Religiosa veiculadas pelas mídias televisivas e pelas redes sociais, em que algumas delas ocorreram no espaço escolar, o que é preocupante para uma nação que garante a liberdade religiosa de seu povo, por meio de documento constituinte.

Várias são as pesquisas sociais e dados estatísticos que demonstram a veracidade do fato supracitado, contudo, não é o objetivo desse trabalho evidenciá-los, o que se quer aqui, é apresentar proposições de como a escola poderia contribuir para a promoção do respeito às Diversidades Religiosas, mediante os diálogos inter-religiosos, visando desconstruir ideias intolerantes às religiosidades das alteridades.

⁸⁵ MERTON, 1970, p. 166.

3.4 FOMENTANDO DIÁLOGOS INTER-RELIGIOSOS: DA ESCOLA PARA O MUNDO

O novo sentido da tolerância deve levar em conta a articulação equilibrada entre identidade e diversidade. Nenhum dos dois pólos pode sobrepujar o outro. A tolerância não pode ocorrer em relacionamentos marcados pela desigualdade, onde ocorre a dominação entre indivíduos.⁸⁶

A principal intenção desse trabalho é a de propor diálogos inter-religiosos para fomentar o respeito à liberdade religiosa de todas as pessoas envolvidas na comunidade escolar, começando na sala de aula e transpondo o interior dos muros da escola, à medida que a instituição de ensino cumpre o seu papel social, de “semear” nas pessoas discentes o respeito à liberdade de consciência e de crença das pessoas díspares, que vão desde os/as colegas de sua convivência educativa até outras pessoas, participantes de segmentos sociais mais amplos.

Conforme May⁸⁷ o verdadeiro diálogo zela para que cada experiência compartilhada em palavras seja como uma semente. Para o autor, cada participante poderia cuidar dessa semente, deixando-a cair em terra fértil e dando atenção aos renovos. Essa ideia vem corroborar com o que se pretende nesse trabalho, que é justamente o compartilhamento das diversidades, a partir das “sementes” que são lançadas e cuidadas no “solo” da escola, através dos diálogos, que por sua vez, suscitarão o exercício da tolerância, do respeito e do cuidado com as outras pessoas.

Dando sequência ao pensamento, May afirma que “cada um dos participantes no diálogo é como uma árvore que, com fidelidade à vida, cuida de seus frutos e de suas futuras sementes, para que caiam em terra boa.”⁸⁸ Portanto, se a unidade escolar promover a abertura para diálogos como esses, em seu cerne, possivelmente formará uma clientela estudantil composta por pessoas que respeitam a pluralidade de ideias que permeiam os diferentes espaços sociais do mundo.

O caminho para as gerações presentes é o diálogo inter-religioso, que as conduz para a luz. É uma prática que requer a auto-observação detida em suas múltiplas dimensões, com influência sobre toda a experiência humana [...] o diálogo é a maior expressão da humanidade, mas não é mágico;

⁸⁶ MARCUSE, 1970.

⁸⁷ MAY, Roy H. **Precisamos saber mais**: contribuições para o diálogo inter-religioso. Tradução de Roseli Schrader Giese. São Leopoldo: Sinodal, 2012, p. 15.

⁸⁸ MAY, 2012, p. 15.

requer aferrar-se à palavra que conduz à concórdia e impulsiona a vida. Facilita a consciência das possibilidades que temos nas mãos, porque o compartilhar serve fundamentalmente para uma expressão clara e vibrante da vida [...] o diálogo deve penetrar até as conjunturas para formar e reformular o sentido da vida de comunidade.⁸⁹

No que diz respeito ao reconhecimento da pluralidade religiosa, às suas implicações políticas, bem como às questões ideológicas sobre as tolerâncias e as intolerâncias entre as religiões que compõem o universo religioso do Brasil, percebe-se o quanto ainda é preciso dialogar sobre esse assunto. É de suma importância que esse diálogo inter-religioso aconteça, para que o respeito às Diversidades Religiosas se instaure de forma positiva e harmoniosa entre todas as pessoas que buscam viver numa sociedade baseada em valores e princípios éticos. E começando a ser validada na escola, que é o primeiro espaço de discussões acadêmicas, a ideia ficará mais fácil de ser disseminada em outros cenários sociais da nação brasileira.

Nesse contexto, percebe-se que, quando a pessoa se entende como uma cidadã do mundo, ela se dá conta de que uma história precede a sua existência, e ao dar-lhe continuidade, seja mantendo as estruturas tácitas vigentes ou as transmutando, vai favorecendo a sua sobrevivência em determinado espaço geográfico, com suas conjunturas políticas, econômicas, religiosas e de outras ordens.

Por outro lado, muitas pessoas não se dão conta de que fazem parte ou de que têm uma história no mundo, e tal evento as impedem de ampliar os seus pontos de vista sobre si, sobre as outras pessoas e sobre as coisas. Por isso, é de suma importância que elas possam despertar para as verdades que circundam as suas vivências, para não se fecharem ainda mais em suas finitudes. Entretanto, essa busca precisa fazer sentido para as pessoas, não basta saber das coisas, mas é preciso entendê-las, para que possam ser significativas e que lhes deem a possibilidade de ampliar os seus pontos de vista, de esclarecer as suas dúvidas, os seus conceitos, de rever os seus preconceitos e até mesmo, de auxiliar na direção da desconstrução de paradigmas e regras, que lhes foram superpostos.

É possível observar que a Intolerância Religiosa está intrinsecamente relacionada à falta de abertura ao diálogo inter-religioso, em que algumas pessoas

⁸⁹ MAY, 2012, p. 18.

não querem se propor a ouvir os aspectos culturais provindos das alteridades. E no âmbito dos Estudos Culturais, o aspecto religioso é algo muito complexo de ser discutido, por causa de fatores relacionados à não aceitação da cultura do outro ou até mesmo da subjugação desta em favor de uma superior, que julga ser a sua própria.

A identidade cultural, por sua vez não é algo estático, acabado. Está sempre se transformando com a dissolução de aspectos culturais do passado com a assimilação de novas culturas no contato com outros povos. Por essa razão que a consciência de sua identidade passa necessariamente pelo conhecimento das relações históricas com as outras culturas. Então, toma-se a consciência também das relações de dominação entre as culturas ou de reconhecimento entre elas.⁹⁰

É de suma importância que as identidades culturais sejam respeitadas na sociedade, principalmente, na escola. Se as pessoas educadoras se conscientizarem da relevância da proposição de diálogos inter-religiosos no ambiente educativo, contribuiriam intensamente para a aceitação das diversidades. Quando a escola conseguir validar essas manifestações culturais, favorecendo a dialogicidade mediante projetos político pedagógicos e socioculturais que culminem em práticas exitosas, que respeitem as diferenças, conseguirá sublevar as relações humanas, por meio de ações interventivas, em prol do combate à Intolerância Religiosa.

É claro que, abrir-se ao diálogo pressupõe conhecer outras verdades, mas quando não se quer conhecê-las, é somente não lhes dar crédito ou voz, o contrário disso conclui-se que há uma forma de domínio, há uma posse da palavra, que continuará mantendo os lugares de cada um/uma. Na visão hermenêutica, a verdadeira humanidade do homem e ou da mulher é quando ele e ou ela é capaz de ouvir a outra pessoa. Para essa ciência, é preciso haver a interpretação dos lugares de pertencimento de cada cidadão/cidadã, e segundo ela, não há linearidade nesse interpretar, que pode estar subjacente nas entrelinhas, e para ser traduzida, faz-se necessário o despertar.

⁹⁰ LOCKE, J. **Carta sobre a Tolerância**. Tradução de F. Fortes e W. Ferreira Lima. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

Como o discurso da Intolerância Religiosa é bastante ocorrente em escolas brasileiras, e é notória a ausência de projetos pedagógicos e ou sociais e de políticas públicas que tratem da temática em questão, mantém-se o desrespeito às diversidades culturais, principalmente no viés das religiosidades. Nesse sentido, os diálogos inter-religiosos ao serem realizados na escola poderiam contribuir de maneiras eficaz e precisa para a consolidação da ideia do respeito às Diversidades Religiosas.

A contribuição dessa pesquisa é a de propor formas de reverter os tipos de comportamento preconceituoso, conscientizando as pessoas do lugar, a partir da promoção de eventos que suscitem o diálogo inter-religioso com mais frequência. Tal evento, começando no ambiente escolar, com a clientela infanto-juvenil, se estendendo às comunidades do entorno e alcançando cada vez mais outros públicos, minimizaria bastante o problema da Intolerância Religiosa. A realização dos diálogos aqui referidos não eliminaria de vez esse problema, mas poderia contribuir parcialmente para a sua resolução.

Há um consenso entre aqueles que buscam o diálogo, sobre a impossibilidade de paz no mundo sem a afirmação de valores éticos essenciais, como a dignidade do humano e da criação. Mas a paz no mundo só poderá acontecer quando houver paz entre as religiões, e a paz entre as religiões pressupõe o diálogo inter-religioso.⁹¹

Para Maria Tereza Maldonado,⁹² é essencial valorizar a vida e a afetividade nos relacionamentos, a fim de fazer uma base sólida para os acordos que resolvem os conflitos. Portanto, esse pensamento da autora, reforça a ideia de que a escola, ao promover os diálogos inter-religiosos, solidificaria essa base fundamental para estreitar os relacionamentos humanos. Conforme a autora, buscar a harmonia nas relações dos diversos segmentos da comunidade escolar é essencial quando se propõe a educação para a paz.

A proposta da Declaração Universal supracitada assegura que toda pessoa tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidas sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, idioma, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição. Dada a sua importância, esse documento corrobora que a escola

⁹¹ TEIXEIRA, 1997.

⁹² MALDONADO, Maria Tereza. **Os Construtores da Paz**: Caminhos da prevenção da violência. São Paulo: Moderna, 2004.

fundamente a sua prática educativa, respaldada na lei, de maneira que possa desenvolver diálogos inter-religiosos, por meio de rodas de conversa dirigidas, de debates, de discussões, propulsionados por gêneros literários e não literários.

A esse respeito Brandenburg⁹³ (2009) tece uma crítica afirmando que de fato há muitas teorias sobre o diálogo, mas pouco exercício em sala de aula. A professora assevera que a relação pedagógica ainda é muito verticalizada, contudo não se deve desistir se não se atinge a atenção de todas as pessoas da roda. A doutora afirma que na roda torna-se importante ouvir sobre o que a outra pessoa crê ou pensa, fazendo a experiência de afetuosa aceitação, e tal evento se configura no exercício do respeito.

Outro aspecto que a educadora aborda que é extremamente encorajador é a condição de ter a própria identidade respeitada afetosamente na roda do diálogo, pois na sala de aula encontram-se as diferenças no mesmo espaço onde os laços de amizade acontecem e a afetividade é experimentada. Portanto, esta ideia vem ao encontro da proposta dos diálogos inter-religiosos na escola, em que não serão realizados de maneira unilateral, e sim, de forma horizontalizada, onde todas as pessoas discentes possam ter o direito de expressar as suas opiniões, livremente.

O pensamento de Banon⁹⁴ pode ser correlacionado à proposta das conversas nos contextos escolares, quando o autor afirma que todas as religiões são religiões de amor e paz. Para Banon, nenhuma sociedade é fundamentalmente boa; mas nenhuma é absolutamente má, que conforme afirmava Claude Lévi-Strauss, nenhuma cultura pode afirmar que detém a exclusividade do ódio ou do amor. E a instituição de ensino precisa preparar as pessoas jovens para o amor, para a esperança e para o respeito.

E ainda sobre este assunto, Freire⁹⁵ afirma que o diálogo é esse encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação tu-eu. Desta forma, as pessoas do universo escolar ao se conscientizarem sobre a importância da promoção dos diálogos nesse local perceberiam a imensurável força que este mecanismo de interação social tem para a transmutação de realidades.

⁹³ BRANDENBURG, 2006, p. 79-90.

⁹⁴ BANON, Patrick. **Antimanual das religiões**: para acabar com as contraverdades. Tradução de Monica Stahel. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022, p. 50-52.

⁹⁵ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 79.

E conforme May⁹⁶ o diálogo inter-religioso é um caminho para a humanidade. Para ele, o compartilhar religioso une as experiências sagradas, o qual permite o florescimento da identidade da prática espiritual de cada pessoa, que se torna audível e visível. Segundo o autor, o sagrado deve ser reconhecido nas diferentes experiências; essa é a riqueza da humanidade e cada povo a cultiva de forma adequada, pois este é um aspecto cultural que varia política, histórica e geograficamente.

Martinho Lutero, ao romper com os dogmas da Igreja Católica, que monopolizavam o conhecimento dando-lhe características religiosas e indiscutíveis, confirma os ideais de Rotterdam, evidenciando a necessidade de uma formação específica para as pessoas que viessem educar as crianças. De acordo com ele, para “ensinar e educar as crianças é necessário gente especializada” (LUTERO, 2000, p.18), pois para atender os interesses e necessidades das mesmas, seria necessário que as autoridades criassem espaços específicos e pessoas preparadas.⁹⁷

A educadora Krounbauer⁹⁸ chama a atenção para o fato de que a maioria ainda entende que tolerar é aguentar a outra pessoa. Nesse sentido, cada pessoa permanece no seu lugar sem interferir na vida alheia. Segundo ela, não é esse tipo de tolerância que deve ser discutida na escola. Para a autora, essa forma de tolerância apenas segrega a pessoa diferente ou a enquadra em “seu lugar”.

Agindo dessa maneira, algumas pessoas continuam desejando se livrar do incômodo da presença de outras. Portanto, os professores, as professoras poderiam se preparar para lidar com as diferenças na sala de aula e ensinar as crianças e as pessoas jovens a serem mais tolerantes. E esse exemplo poderia partir deles e delas. Sem esta exemplificação, as discussões serão sempre vazias, porque a clientela estudantil precisa ver na prática aquilo que é pregado.

De acordo com Krounbauer,⁹⁹ o assunto se tornou tão relevante que levou a ONU a publicar dois documentos – “Declaração de Princípios sobre a Tolerância” e “Declaração sobre a eliminação de todas as formas de intolerância e discriminação fundadas na religião ou nas convicções” que têm por objetivo orientar a discussão, a prática e a tomada de decisões.

⁹⁶ MAY, 2012, p. 18-19.

⁹⁷ BUHLER, Caren. **O bom professor**: referenciais que o constituem. São Leopoldo: Sinodal, 2013, p. 21.

⁹⁸ KROUNBAUER, 2013, p. 24-34.

⁹⁹ KROUNBAUER, 2013, p. 36-43.

3.5 A IMPORTÂNCIA DA LAICIDADE PARA A VALIDAÇÃO DO RESPEITO ÀS DIFERENÇAS

A questão central da tolerância ou intolerância é a seguinte: como conviver com aquele grupo ou pessoa com a qual não temos afinidades ideológicas, religiosas ou de valores? É possível essa convivência? É provável que o problema não seja conviver, porque, mesmo vivendo em sociedade, ninguém é obrigado a partilhar valores ou pensamentos com os quais não concorde. Se entendermos conviver como “aceitar para si”, tal convivência não obriga a pessoa aceitar entendimentos com os quais não se identifique, mas é obrigada a respeitá-los.¹⁰⁰

A esses pensamentos pode ser associada a ideia dos Estudos Culturais em que a contribuição de Stuart Hall¹⁰¹ é considerada de grande relevância para a compreensão acerca da cultura, da diversidade de manifestações que ela pode representar, bem como os elementos que fundamentam as subjetividades e as “novas formas de ser, de estar e de entender o mundo” e, como há uma pluralidade de culturas que perpassam os lugares em cada ponto do planeta, cada uma delas vai ter a sua significação, sendo assim, o mundo social a que pertence determinado grupo de pessoas, deve ser validado, e não tido como algo periférico. Portanto, seria muito importante que todas as alteridades fossem reconhecidas e respeitadas.

A proposição de diálogos inter-religiosos em contextos escolares públicos, no Ensino Médio, para a promoção do respeito às Diversidades Religiosas, está fundamentada na educação para a tolerância, desencadeada por Lutero, que despontou para o pluralismo religioso no mundo. O trabalho de fomentação ao respeito às Diversidades Religiosas não tratará de temáticas voltadas às religiões ou sobre as religiosidades da comunidade escolar, e sim, procurará validar a todos e todas que tiverem a sua identidade religiosa subestimada ou preterida.

Para que isso se efetive de fato, as pessoas inseridas nos contextos sociais, partindo-se da escola, ao aceitarem e respeitarem as diferenças, também alcançarão a aceitação e o respeito das outras. Freire¹⁰² (2005) assevera que é no diálogo que essa ação/reflexão se constitui. Conforme o autor, não é no silêncio que os homens e as mulheres se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação reflexão.

O educador continua o seu pensamento, reafirmando que o diálogo deve ser um encontro de homens e de mulheres que buscam pronunciar o mundo e isso não

¹⁰⁰ KROUNBAUER, 2013, p. 25.

¹⁰¹ HALL, Stuart. **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

¹⁰² FREIRE, 2005.

pode ser privilégio apenas de algumas pessoas manifestarem as suas opiniões e não pode ser um instrumento de manipulação utilizado para conquistar as outras pessoas, nem um ato de ideias sobre o outro/a outra. Por isso, se faz necessária a abertura de discussões, de debates, de rodas de conversas, de seminários e de todas as formas possíveis de diálogos na escola.

Contudo, a proposta de trabalho com a realização dos eventos supracitados, é somente com as turmas de Ensino Médio, pressupondo que a clientela estudantil dessa faixa etária esteja mais preparada para lidar com essa temática, por conta da maturidade e de suas cosmovisões. Porém, o trabalho com as Diversidades Religiosas pode ser realizado com as turmas infantis, mas de forma sutil, pois essas crianças e essas pessoas adolescentes ainda estão em processo de formação de suas identidades e poderiam distorcer as conversas, de modo ao favorecimento de um clima hostil e de rivalidade.

A intolerância está relacionada à forma como percebemos e reagimos em relação ao outro. A nossa visão de mundo está determinada ou é resultado da tradição cultural, filosófica e mesmo religiosa. Por muito tempo fomos ensinados a perceber as diferenças entre os grupos religiosos. Essa diferença passou a ser classificada a partir de uma experiência religiosa que se colocava como oficial em comparação a outras vistas como seitas. Dessa forma, por muito tempo, e ainda hoje, a sociedade costuma classificar os grupos religiosos. Ao (a) educador(a) não basta simplesmente ter consciência da pluralidade, diversidade e diferença. Faz-se necessário assumir uma postura tolerante como modo de vida; como reconhecimento do espaço do outro; como entendimento desse outro como sujeito de direito.¹⁰³

Para May o diálogo é integrador porque evita a competição e organiza tudo em seu espaço. Segundo ele, a integração é plena e não faz distinção de gênero. Ainda conforme o autor, o diálogo é revelador porque tudo que a pessoa diga ou faça promove o sentir-se representada em sua própria palavra. Assim, ele presenteia a todos e todas com a seguinte assertiva “Os diálogos interpelam e potencializam todas aquelas realidades que iluminam a vida e não permitem que apareçam os geradores de morte.”¹⁰⁴

Portanto, a escola poderia favorecer a laicidade, assegurada pela lei, por meio dos seus projetos educativos, que contemplariam a todas e a todos os atores/atrizes sociais aí partícipes. Quando a clientela estudantil é atendida em suas

¹⁰³ KRONBAUER, 2013, p.24.

¹⁰⁴ MAY, 2012, p. 17.

demandas, principalmente aquelas que dizem respeito às suas origens identitárias, sente-se mais acolhida, mais cuidada e conseqüentemente mais feliz.

Correlacionando essa conquista da pessoa docente ao pensamento de Piletti¹⁰⁵ quando afirma que a pessoa educanda é capaz de pensar, refletir, discutir, ter opiniões próprias, participar, decidir o que quer e o que não quer, entende-se que a liberdade de expressão é uma forma de respeitar o direito de todas as pessoas. Conforme o educador, o aluno é gente, é ser humano, assim como o professor, a professora. A esse respeito, Demo¹⁰⁶ assevera que dominar o mundo é um projeto humano, e isso, é bastante visível nas relações sociais diárias.

Isso se dá principalmente porque algumas pessoas tentam reproduzir posturas “antropocêntricas” que dão pouca visibilidade à questão das alteridades, do diverso, do diferente, pois elas querem a perpetuação das estruturas tácitas aí vigentes, que impulsionam as segregações e as tornam superiores às outras. Devido a isso, de um modo geral, as pessoas não descentralizam o olhar delas mesmas, e a instituição de ensino ao romper com esse sistema hegemônico, contribui para que a multiplicidade de olhares seja constante no cotidiano escolar.

E para concluir este capítulo, baseando-se na proposta do trabalho em pauta, apresenta-se aqui uma forma das pessoas educadoras trabalharem com os gêneros literários e não literários, para o despertar de cosmovisões da clientela estudantil sobre as alteridades, a partir do excerto da obra “O gato malhado e a andorinha sinhá”, do escritor baiano Jorge Amado, que ao fazer uma reverência à trova e filosofia do poeta popular Estevão da Escuna, contribui positivamente para que a promoção do respeito às diversidades culturais possa ser validada em todos os segmentos sociais, principalmente, nos âmbitos escolares. Os versos abaixo fazem um chamado às pessoas, para que elas respeitem as diferenças.

O mundo só vai prestar
para nele se viver
no dia em que a gente ver
um gato maltês casar
com uma alegre andorinha
saindo os dois a voar
o noivo e sua noivinha

¹⁰⁵ PILETTI, Nelson. **Psicologia Educacional**. 5. ed. São Paulo: Editora Ática, 1987.

¹⁰⁶ DEMO, Pedro. **Ciência Rebelde**. São Paulo: Editora Atlas, 2012.

dom gato e dona andorinha.¹⁰⁷

Em anexo, serão apresentadas sugestões de gêneros literários (com listas de letras de músicas literárias, poemas, poesias, contos, crônicas e romances) e gêneros não literários (letras de músicas não literárias, notícias, artigos jornalísticos e científicos, reportagens, propagandas, e textos científicos), dentre outros aportes textuais, que poderiam ser trabalhados em projetos pedagógicos, nos contextos escolares, objetivando os diálogos inter-religiosos, na fomentação do respeito às Diversidades Religiosas, para a minimização da Intolerância Religiosa, a partir desses espaços educativos. Também serão anexados dois trabalhos que foram realizados por mim, em duas instituições escolares da rede pública estadual, uma em Itaparica e a outra em Vera Cruz, na Bahia, ambas do Ensino Médio, apresentando a proposta de diálogos inter-religiosos para a desconstrução da ideia da Intolerância Religiosa.

¹⁰⁷ AMADO, Jorge. **O gato malhado e a andorinha Sinhá**: uma história de amor. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2008.

4 CONCLUSÃO

Abordar a temática “Proposição de diálogos inter-religiosos em contextos escolares públicos, no Ensino Médio, para a promoção do respeito às Diversidades Religiosas” foi bastante enriquecedor por apresentar uma proposta que poderia ser desenvolvida na escola tranquilamente. Diante das considerações e das pessoas teóricas apresentadas no corpo da pesquisa, percebe-se que muitas ideias em prol de incentivos à mudança de mentalidade no que dizem respeito à Intolerância Religiosa, poderiam ser disseminadas no ambiente educativo, a partir da abertura de diálogos a esse fim.

Quando apresentamos a palavra tranquilamente, entende-se que é pelo fato de a escola ser laica e que poderia favorecer essas discussões, se abrindo ao diálogo, contribuindo assim para a ruptura de culturas hegemônicas. Quando a unidade escolar procura dar visibilidade às pessoas que estão marginalizadas, por causa de sua religiosidade, termina corroborando para uma sociedade mais igualitária. Sabe-se que nem sempre foi assim. Antes não era muito tranquilo falar das pluralidades, e sim, da singularidade. Hoje, cada singularidade religiosa é respeitada dentro de uma pluralidade de religiões, fundamentada na lei.

Diante das reflexões, das observações feitas e dos estudos realizados, aqui nesse trabalho, percebe-se o quanto ainda é preciso refletir, discutir e dialogar sobre esse assunto, e essa é uma questão que se refere à sociedade como um todo, por isso que se faz necessário levar esse tema para além do interior dos muros do espaço educativo. Os diálogos inter-religiosos, começando na escola, provavelmente alcançariam a maioria das pessoas, que por sua vez, se tornariam as maiores divulgadoras, pelo fato de terem sido preparadas neste local, visando o respeito às alteridades no que diz respeito à religiosidade.

Conclui-se que a realização do trabalho com a proposição de diálogos inter-religiosos, em contextos de Intolerância Religiosa, nas escolas públicas, como fomentação para o respeito às diversidades religiosas seria de grande relevância para a transmutação dessa problemática. Isso vem desestabilizando vários segmentos sociais, principalmente, o segmento escola, consciente da necessidade de aumentar a autoestima de sua clientela infanto-juvenil, que tem sido muito

prejudicada, por conta de os preconceitos religiosos que sofrem e que, por sua vez, terminam afetando a sua aprendizagem, devido ao estado emocional dessas pessoas jovens, quando são discriminadas por conta de sua profissão de fé.

As literaturas aqui sinalizadas objetivaram apresentar as propostas de como realizar esses diálogos, a partir da escola para a sociedade mais ampla, sendo que a ocorrência da Intolerância Religiosa, em vários níveis, versa tanto dos espaços micros quanto dos espaços macros. No entanto, a instituição escolar é basilar para a resolução de conflitos sociais já que, nesse ambiente, encontram-se as pessoas docentes, que possuem leituras de mundo mais amplas que as de sua clientela estudantil e que poderiam fazer valer a ética profissional para sublevar as discussões, de modo a favorecer a todas as pessoas inseridas no universo escolar.

Sem contar que o evento da Intolerância Religiosa poderia ser minimizado, através de parcerias entre as pessoas da escola, como os pais, as mães e/ou responsáveis pelas pessoas jovens estudantes, por meio das ações pontuais supramencionadas, promovendo assim, a conscientização para o respeito às Diversidades Religiosas. Essas parcerias partiriam de motivações, suscitadas pelos próprios diálogos promovidos pelas equipes de trabalho da escola, no caso, da gestão, da coordenação e da equipe docente, de modo que haja uma integração entre todas e todos do estabelecimento de ensino para a transformação da realidade.

A realização de discussões, de debates e de diálogos inter-religiosos, fundamentados na moral, na ética, na justiça, na tolerância, na liberdade e na igualdade de direitos, bem como no respeito às diferenças, sendo fomentada no interior da unidade escolar, provavelmente contribuiria para a reversão parcial dessa problemática. Nesse viés, a participação efetiva das equipes de trabalho da escola é imprescindível, para que assim, possam dar o devido aporte no trabalho da desconstrução do clima de Intolerância Religiosa.

Sendo assim, o trabalho a ser realizado a partir do diálogo inter-religioso desencadearia o despertar para o respeito às Diversidades Religiosas, bem como para a defesa da laicidade, porque solucionaria parcialmente conflitos das mais diversas ordens, principalmente os que são referentes à religiosidade, favoreceria a integração entre todos e todas, elevaria a autoestima das pessoas participantes, principalmente da clientela estudantil, além de propiciar a quebra de

estereótipos e estigmas que são atribuídos aos que são adeptos e adeptas de religiões não tradicionais brasileiras. E finalmente, o ambiente educativo, além de minimizar o problema aqui evidenciado, promoveria a apreciação de um vasto leque de religiosidades e religiões na realidade social brasileira.

Portanto, a escola brasileira, tendo muitos desafios a transpor, poderia realizar eventos que promovessem as pessoas discentes, em seus direitos fundamentais, principalmente no que dizem respeito ao direito à escolha religiosa bem como a liberdade de expressão, que precisam ser validados e respeitados. A instituição escolar poderia viabilizar tudo aquilo que assegurasse a emancipação das pessoas educandas que estão aí inseridas.

Assim, a reversão de muitos problemas sociais poderia ser fomentada na escola cotidianamente, já que é um local propício para a disseminação de ideias que podem trazer um benefício coletivo, onde cada pessoa aprendiz progredindo integralmente, incentivaria as outras pessoas educandas a serem mais respeitadas com as suas diferenças, construindo juntas uma sociedade mais pacífica, mais empática e acima de tudo, pautada no amor, na fraternidade e no respeito mútuo.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA Sagrada. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. 4. ed. rev. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010. 1248p.

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. 3. ed. São Paulo: ARS Poética Editora, 1994.

ALVES, Rubem. **O que é religião?** 6. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

ALVES, Rubem. **Estórias de quem gosta de ensinar**. 16. Ed. – São Paulo: Cortez, 1993. (Coleção questões da nossa época: v.12).

ALVES, Rubem. **Por uma educação romântica**. 9. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2021.

AMADO, Jorge. **O gato malhado e a andorinha Sinhá: uma história de amor**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2008.

ANGELO, I. Minha primeira história. *In*. ABRAMOVICH, F. **Meu professor inesquecível: ensinamentos e aprendizados contados por alguns de nossos melhores escritores (org.)**. São Paulo: Editora Gente, 1997.

ANTUNES, Ângela & PADILHA, Paulo Roberto. **Educação cidadã, educação integral: fundamentos e práticas**. São Paulo: Editora e Livraria Paulo Freire, 2010.

ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

AULETE, Caldas. **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011. 1488p.

BANON, Patrick. **Antimanual das religiões: para acabar com as contraverdades**. Tradução de Monica Stahel. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

BOBSIN, Oneide. **Correntes religiosas e globalização**. São Leopoldo: IEPG/EST, CEBI, PPL, 2002.

BOFF, Leonardo. **O cuidado necessário: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BOFF, Leonardo. **O cuidado essencial: princípio de um novo ethos**, 2005. Disponível em: <https://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1503>. Acesso em: 10 out. 2022.

BRANDENBURG, Laude Erandi. **Concepções epistemológicas no ensino Religioso: desafios para a práxis**. Estudos Teológicos. São Leopoldo/RS: EST, ano 46, n. 2, 2006.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm/. Acesso em fev. 2021.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**: estatuto da criança e do adolescente e legislação correlata: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990 e legislação correlata. 12. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Pluralidade cultural: orientação sexual. 3. ed. Ministério da Educação. Brasília: A Secretaria, 2001.

BUHLER, Caren. **O bom professor**: referenciais que o constituem. São Leopoldo: Sinodal, 2013.

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2009.

CAMARA, Dom Helder. **Mil razões para viver**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

CAMPOS, Eugenio Paes. **Quem cuida do cuidador?** Orientadora: Monique Augras. Rio de Janeiro: PUC, Departamento de psicologia, 2004.

CECCHETTI, Elcio; OLIVEIRA, Lílian Blanck de. Diversidade religiosa e educação em direitos humanos: desafios e possibilidades aos currículos escolares. *In*: SILVA, Ana Tereza Reis da (Org.). **Leituras críticas em educação e direitos humanos**. Brasília: Liber Livro, 2014.

CONSELHO NACIONAL DE IGREJAS CRISTÃS DO BRASIL. **Relatório sobre a dignidade humana e a paz no Brasil – 2002/ CONIC**. São Paulo: Editora Salesiana, 2002.

CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1965.

CORTINA, Adela. **Ética sem moral**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

CRESTANI, Alfredo. **As múltiplas dimensões do cuidado – Aprimoramento das relações educativas**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2014.

CRUZ, Eduardo R. da. **Religião e ciência**. São Paulo: Paulinas, 2014. (Coleção temas do ensino religioso).

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. **Artigo 18 __ Toda a pessoa tem direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião (1948)**. Disponível em <https://unicef.org/brasil/declaração-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 19 de setembro de 2022.

DEMO, Pedro. **Ciência rebelde**. São Paulo: Editora Atlas, 2012.

DICK, Hilário. **O divino no jovem: elementos teológicos para a evangelização da cultura juvenil**. Porto Alegre: Instituto de Pastoral de Juventude: Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude, 2004.

FOWLER, James. **Estágios da Fé. A psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido**. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: O dicionário da língua portuguesa**. 6. ed. Curitiba: Editora Positivo LTDA, 2004.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia- Saberes necessários à prática educativa**. 15. Ed. São Paulo Editora Paz e Terra, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: Ensinar e aprender com sentido**. Novo Hamburgo: L,eD, 2003.

GALLO, Silvio. **Educação e Intolerância**; Impulso, vol. 7, nº 16, Piracicaba: Unimep, 1994.

GOVERNO FEDERAL. **Cartilha diversidade religiosa e direitos humanos**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, s/d.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HERMANN, Nadja. **Hermenêutica e educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

JUNQUEIRA, S.R.A; CORRÊA, R. L. T; HOLANDA, A. M. R. **Ensino religioso: aspectos legal e curricular**.1. ed. São Paulo: Paulinas, 2007. (Coleção temas do ensino religioso).

KING, Martin Luther Jr. **"I have a dream"**. Discurso proferido pelo pastor protestante e ativista político estadunidense, em 28 de agosto de 1963.

KRONBAUER, Selenir C. G; SOARES, A. M. L. **Educação e religião: múltiplos olhares sobre o ensino religioso**. São Paulo: Paulinas, 2013. (Coleção docentes em formação).

KRONBAUER, Selenir C. G; SOARES, A. M. L. **Educar para a convivência na diversidade**; desafio à formação de professores. São Paulo: Paulinas, 2013. (Coleção docentes em formação).

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascarados**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LOCKE, J. **Carta sobre a tolerância**. Tradução de F. Fortes e W. Ferreira Lima. Organização, introdução, revisão técnica, notas e comentários: F. Loque. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MALDONADO, Maria Tereza. **Os construtores da paz: Caminhos da prevenção da violência**. São Paulo: Moderna, 2004.

MANDELA, Nelson. Livro **Long walk to freedom**. Boston: Back bay books, 1995.

McDERMOTT, Gerald R. et al. **Cristãos, muçulmanos e judeus adoram o mesmo Deus?** quatro visões. Tradução de Marcus Braga. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022.

MARCHETTO, Gloria Lourdes Alessi. **Educação para a paz: um caminho necessário**. São Paulo: Paulinas, 2009. (Coleção docentes em formação).

MARCUSE, Herbert. Tolerância repressiva. *In: Crítica da tolerância pura*. (coletânea) Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

MARQUES, L. F; CERQUEIRA, S.; E, & Dell' Aglio, D.D. Religiosidade e identidade positiva na adolescência. *In: Dell' Aglio & S.H. Koller (Eds.), Adolescência e juventude: vulnerabilidade e contextos de proteção*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

MARTINI, Antônio. **O provisório e o transcendente**. *In: MARTINI, Antônio et al. O humano, no lugar do sagrado*. 2. ed. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1995.

MARULANDA, Ângela. **O desafio de crescer com os filhos**. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

MAY, Roy H. **Precisamos saber mais: contribuições para o diálogo inter-religioso**. Tradução de Roseli Schrader Giese. São Leopoldo: Sinodal, 2012.

MERTON, Thomas. **Reflexões de um expectador culpado**. Petrópolis: Vozes, 1970.

MONTE, Marisa. **Portas**. Disponível em: www.mundocultura.com.br/letrademusica-portas-marisa-monte. Acesso em 30 jul. 2022.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

NASCIMENTO, Milton. **Coração de estudante**. Disponível em www.letras.mus.br/milton-nascimento/47421. Acesso em: 22 nov. 2022.

O'BRIEN, Joanne; PALMER, Martin. **O atlas das religiões: o mapeamento complexo de todas as crenças**. Tradução de Mário Vilela. São Paulo: Publifolha, 2008.

OLIVEIRA, Eliana de. Identidade, intolerância e as diferenças no espaço escolar: questões para debate. **Revista Espaço Acadêmico**. Ano I. Nº 7. Disponível em: <https://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/espacoacademico>. Acesso em: 17 ago. 2021.

OLIVEIRA, Lílian Blanck de *et al.* **Ensino religioso no ensino fundamental**. São Paulo Cortez, 2007. (Coleção Docência em Formação).

ONU - Organização das Nações Unidas. Declaração para eliminação de todas as formas de intolerância e discriminação fundadas na religião ou nas convicções. *In*: STROER, Marga Janete (org.). BRASIL. **Diversidade religiosa e direitos humanos**: reconhecer as diferenças, superar a intolerância, promover a diversidade. 2. ed. Brasília: SDH/PR, 2003.

OTTO, Rudolf. **O sagrado**: aspectos irracionais da noção do divino e sua relação com o racional. Trad: Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

PILETTI, Nelson. **Psicologia educacional**. 5 ed. São Paulo: Editora Ática, 1987.

ROCCA, Susana M. **Resiliência, espiritualidade e juventude**. São Leopoldo: Sinodal, 2013.

ROCHA, Ruth. **Admirável mundo louco, uns pelos outros**: quando a escola é de vidro. Rio de Janeiro: Salamandra, 1986.

SÀCRISTAN, J. G. *et al.* **Educar por competências**: o que há de novo? Tradução de Carlos Henrique Lucas Lima. Porto Alegre: Artmed, 2011.

SAYÃO, Rosely; AQUINO, Júlio Gropa. **Famílias**: Modos de usar. Campinas: Papirus, 2006.

SANCHEZ, Wagner Lopes. **Pluralismo religioso**: as religiões no mundo atual. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2010. (Coleção temas do ensino religioso).

SANCHIS, Pierre. A propósito da tolerância. *In*: TEIXEIRA, Faustino (org.). **O diálogo inter-religioso como afirmação da vida**. São Paulo: Paulinas, 2007.

SARTI, Cynthia. O jovem na família: o outro necessário. *In*: NOVAES, Regina; VANUCHI, Paulo. (org.). **Juventude e sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: FPA, 2004.

SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (org.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

TASSONI, E.C.M. **Afetividade e produção escrita: a mediação do professor na sala de aula**. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Campinas, Campinas, 2009.

TAYLOR, Charles. **Multiculturalismo**: Examinando a Política de Reconhecimento. Tradução de Marta Machado. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação para a democracia**: introdução à administração educacional. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

TEIXEIRA, Faustino. O diálogo em tempos de fundamentalismo religioso. **Revista convergência**, Brasília, v. 37, n. 356, 2002. p. 495-506.

TOROPOV, Brandon; BUCKLES, Luke. **O guia completo das religiões do mundo**. Tradução de Martha Malvezzi Leal. 2. ed. São Paulo: Madras, 2017.

VELOSO, Caetano. **Sampa**, 1978. Disponível em: www.lettras.mus.br/caetanoveloso/41670/. Acesso em: 22 de nov. 2022.

VIGOTSKY, Lev. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VIGOTSKY, Lev. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VON, Cristina. **Cultura de paz**: o que os indivíduos, grupos, escolas e organizações podem fazer pela paz no mundo. São Paulo: Editora Petrópolis, 2003.

ANEXO A — PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Faculdades Est

Curso: Mestrado Profissional em Teologia

Componente Curricular: Metodologia do Ensino

Autora: Rosana Santos Vasconcelos Bispo

Semestre: 2021/2

Professor: Dr Celso Gabatz

CONVERSANDO SOBRE A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA, NOS CONTEXTOS ESCOLARES, PARA A PROMOÇÃO DO RESPEITO ÀS DIVERSIDADES RELIGIOSAS

INTRODUÇÃO

Na atualidade, as escolas brasileiras, sejam do âmbito público ou privado, ainda guardam resquícios da Intolerância Religiosa de outros tempos, em que apenas uma religião era ensinada como única e verdadeira, nesses espaços educativos, e onde alguns estudantes eram discriminados por suas escolhas religiosas, em que, a maioria das vezes, tinham que omitir sobre os seus segmentos religiosos para não serem excluídos dos grupos sociais em que estavam inseridos, tanto no interior quanto no entorno da unidade escolar.

Sabe-se que o discurso da Intolerância Religiosa é evidente na sociedade brasileira como um todo, e a escola não foge a esta realidade, por mais que o tempo tivesse passado, ainda é muito difícil romper com esta estrutura tácita, que tem acentuado e intensificado os processos de segregação social em vários níveis.

Por isso, é preciso que todos os setores sociais busquem mudar esta realidade, de modo a reverter esta problemática do desrespeito às diversidades religiosas. E de acordo ao art. 5º, VI da Constituição Federal de 1988 “É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e suas liturgias.” (BRASIL, 1988, online)¹⁰⁸.

¹⁰⁸BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao.htm/ acesso em: fev.2021.

Portanto, a escola tem um papel social de grande relevância e pode contribuir consideravelmente para a reversão desta problemática. Nos tempos de globalização, em que as relações entre as pessoas se estabelecem efetivamente pelas redes sociais, é inconcebível a manutenção da ideia da intolerância, propagada por outros indivíduos que não querem ver o bem-estar da coletividade.

Se a humanidade está caminhando nesse viés do advento tecnológico, é preciso que todas e todos se respeitem mutuamente, para que as diversidades socioculturais de cada grupo social sejam valorizadas e validadas por indivíduos pertencentes a outros grupos sociais adversos aos seus.

A partir dessas constatações, entende-se que o ambiente educativo pode/deve ser um espaço de promoção de diálogos para minimizar muitos conflitos sociais, e se os grupos de trabalho do estabelecimento de ensino se unirem para realizar ações em prol da resolução deste problema, certamente, poderiam alcançar não somente o público de discentes, como também se estenderiam às comunidades do entorno, bem como aos familiares dos/das alunos/as, o que seria de grande relevância para todos e todas os/as sujeitos sociais envolvidos/as.

Desta forma, o presente trabalho pauta-se em rodas de conversa, visando a inserção de diálogos inter-religiosos em escolas das redes públicas, do município de Vera Cruz, na ilha de Itaparica, onde é bastante visível a Intolerância Religiosa. A ideia da realização desta proposta de intervenção pedagógica foi pensada a partir do diagnóstico de discursos segregados no âmbito da religiosidade, por parte de adeptos de religiões tradicionais brasileiras, em que alguns deles, discriminavam as pessoas participantes de outros credos, a tal ponto desses indivíduos serem excluídos das relações sociais das quais faziam parte.

E este problema terminou alcançando os muros da escola, onde nota-se a força do desrespeito às diversidades religiosas. Esta proposta de intervenção pedagógica “Conversando sobre a Intolerância Religiosa nos contextos escolares, para a promoção do respeito às diversidades religiosas”, pode trazer muitas, e profundas reflexões para os profissionais da própria instituição de ensino (caso estes/estas demonstrem ser intolerantes religiosos), propiciando benefícios incalculáveis para toda a comunidade escolar.

JUSTIFICATIVA

Através do que é preconizado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (2001)¹⁰⁹ “(...) uma proposta curricular voltada para a cidadania deve preocupar-se necessariamente com as diversidades existentes na sociedade, uma das bases concretas em que se praticam os preceitos éticos. É a ética que norteia e exige de todos, e da escola e educadores em particular, propostas e iniciativas que visem à superação do preconceito e da discriminação(...)”.

Assim, a escola precisa estar aberta a diálogos para minimizar problemas aí ocorrentes, como também equacioná-los. Outro documento que legitima a promoção do respeito às alteridades é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)¹¹⁰, que traz a seguinte proposta “O ensino religioso busca construir, por meio do estudo dos conhecimentos religiosos e das filosofias de vida, atitudes de reconhecimento e respeito às alteridades”.

Portanto, pautando-se nessas referências e diagnosticando a Intolerância Religiosa no contexto escolar do CEEP do Oceano¹¹¹, surgiu o desejo de fomentar o respeito às diversidades religiosas neste local, para dar vez e voz aos/às estudantes que não são respeitados/as em suas orientações religiosas, através de rodas de conversa, realizadas em dois encontros semanais.

O CEEP do Oceano está localizado no município de Vera Cruz, ilha de Itaparica, no estado da Bahia. As turmas escolhidas para a realização das rodas de conversa foram as concluintes do quarto ano, dos cursos de Administração e de Logística, do turno vespertino. Perfazendo o total de quinze (15) alunos/alunas participantes. A proposta foi apresentada à coordenação da unidade escolar, que deu o aval para a sua realização, demonstrando interesse e acolhimento a esta proposta interventiva.

Conforme Oliveira (2021), a escola é espaço onde se encontra a maior diversidade cultural e também é o local mais discriminador. Analisando esta

¹⁰⁹ BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. **Pluralidade cultural**: orientação sexual / Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. – 3. Ed. – Brasília: A Secretaria, 2001, p. 35.

¹¹⁰ BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

¹¹¹ CEEP DO OCEANO. (Centro Estadual de Educação Profissional do Oceano). Escola que promove educação técnica com enfoque profissional, localizada na ilha de Itaparica, no município de Vera Cruz, no estado da Bahia.

afirmativa, é perceptível que muitos problemas sociais que desembocam na escola, não são resolvidos a contento, por falta de propostas pedagógicas interventivas que venham contribuir para a sua minimização, ou até mesmo para equacioná-los.

Contudo, se as equipes de trabalho da instituição de ensino se empenharem ao favorecimento do respeito às diversidades, sejam elas mais abrangentes, ou do âmbito cultural, religioso, dentre outros, possivelmente, os preconceitos e as discriminações que migram para os ambientes educativos, seriam rechaçados antes de se tornarem tácitos. No entanto, é preciso conscientizar às pessoas sobre esta questão, e o papel social da escola é de grande relevância para a transmutação da problemática do desrespeito religioso.

Conclui-se, a partir do pensamento de Von (2003), que [...] se a educação é um dos meios mais apropriados de se precaver a intolerância [...] é preciso formar docentes abertos a outras culturas, capazes de apreciar as diferenças e evitar conflitos ou resolvê-los de forma pacífica, promovendo atividades com a participação das famílias, dentre outras ações que possam contribuir para o respeito às alteridades.

A proposta aqui apresentada, será introduzida no CEEP do Oceano, a título de experiência, para inaugurar aí, um espaço de discussões sobre as diversidades religiosas, já que nunca houve aqui na ilha de Itaparica, tanto no município de Vera Cruz, quanto no de Itaparica, a abertura para os diálogos inter-religiosos. O que apenas ocorreu, nesse sentido, foi uma tentativa de rodas de conversa falando sobre Intolerância Religiosa, no ano de 2019, na biblioteca Juracy Magalhães, localizada no município de Itaparica.

Este evento não teve continuidade, devido a muitos fatores, que poderão ser evidenciados em outro momento. As rodas de conversa supracitadas surgiram para tentar alertar às comunidades da ilha de um modo geral, sobre os comportamentos agressivos à manifestação de fé, principalmente contra as pessoas que professavam as religiões de matriz africana. Tais atitudes segregadas impulsionaram adeptos, de variados segmentos religiosos, que se sensibilizaram e resolveram combater a Intolerância Religiosa.

Contudo, esta manifestação de respeito às diversidades religiosas não foi bem acolhida pela maioria da população ilhéu, principalmente pelos membros de

religião protestante, que não estão abertos aos diálogos inter-religiosos. Desta forma, a ideia da intolerância era intensificada, dificultando qualquer possibilidade de aceitação à escolha religiosa diferente daquelas que estes/estas professavam.

PROPOSTA DE ENSINO

OBJETIVO GERAL

Fomentar o respeito às diversidades religiosas, no contexto escolar aqui evidenciado, por meio da promoção de diálogos inter-religiosos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Promover diálogos inter-religiosos a partir da leitura de textos;

Levantar conhecimentos prévios entre os/as participantes sobre as diversidades religiosas;

Verificar se há entre os/as participantes, pessoas dispostas ao trabalho de fomentação do respeito às diversidades religiosas e ao combate da intolerância;

Apresentar de maneira breve, alguns aspectos políticos, históricos, socioculturais, dentre outros, relacionados às diversidades religiosas;

Propiciar aos/às participantes um clima prazeroso e descontraído, no momento da realização dos diálogos;

Conscientizar a todos e todas sobre a importância do respeito às alteridades, fundamentando-se em documentos legais;

Sensibilizar os participantes para que estes/estas possam refletir sobre a proposta da atividade pedagógica interventiva;

Pedir sugestões aos/às participantes sobre a divulgação do trabalho de respeito às diversidades religiosas.

PÚBLICO-ALVO

Alunos/as concluintes dos Cursos de Administração e de Logística (quarto ano), professores, funcionários, coordenação e gestão do CEEP do Oceano.

Obs.: a escolha pelas turmas concluintes está relacionada ao grau de maturidade dos/das estudantes, no que concerne às discussões sobre a Intolerância Religiosa, que é um tema muito delicado, e suscetível de distorções em relação ao trabalho que se quer fazer, que vai estar voltado à conscientização sobre a laicidade no território nacional e à fomentação do respeito às diversidades religiosas. As faixas etárias desses/dessas jovens estão em torno de 16 (dezesesseis) a 21 (vinte e um) anos de idade.

DURAÇÃO

08 horas.

NÚMERO DE PARTICIPANTES

Entre 12 (doze) a 15 (quinze) estudantes, concluintes dos Cursos de Administração e de Logística, turmas do quarto ano, no turno vespertino.

MATERIAIS

- Documento 1: Excertos da “Declaração Universal dos Direitos Humanos”, acerca do direito à escolha de orientação religiosa;
- Documento 2: Artigos da Constituição Federal de 1988, sobre a temática em pauta;
- Pedagógicos:
- Cordel sobre o que é o Ensino Religioso, de Hélio Gomes Soares (Hegos);
- Cordel “Respeite o meu axé, que eu respeito o meu amém (Bodão);
- Excertos dos Parâmetros Curriculares Nacionais, sobre a temática: orientação religiosa;
- Excerto da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) sobre o Ensino Religioso no Brasil;

- Letra de música: “Imagine”, de John Lennon, original e com a tradução em Língua Portuguesa, sobre a importância da tolerância entre os povos da Terra;
- Livro: excertos da “Carta acerca da Tolerância”, de John Locke;
- Verso da letra de música “Dom de Iludir”, de Caetano Veloso;
- Bolas de assopro (bexigas);
- Datashow;
- Dicionários;
- Folhas de papel pautada avulsas;
- Imagens de pessoas em várias partes do mundo em seus templos religiosos, expostas em murais móveis;
- Lápis coloridos;
- Lápis preto;
- Notebook;
- Papel ofício nas cores branca, azul, amarela e verde;
- Pilotos de lousa nas cores preta, azul, verde e vermelha;
- Saquinhos de jujubas coloridas;
- Sala de aula arrumada em semicírculo;
- Vídeo Clipe com a letra de música “Imagine”;
- Outros materiais que forem surgindo de acordo às necessidades da proposta interventiva.

METODOLOGIA

Após o convite feito aos/às alunos/as da turma, no primeiro dia, recebê-los na sala de leitura da unidade escolar, toda arrumada com bolas coloridas e quadros temáticos dispostos em murais. Iniciar a proposta fazendo o acolhimento aos/às estudantes, solicitando que eles/elas andem pela sala e vejam as imagens dos murais. Na sequência, pedir para que eles/elas sentem-se, nas carteiras dispostas em semicírculo.

Depois de todos se acomodarem, apresentar o vídeo clipe com a letra de música “Imagine”, de John Lennon. Motivá-los a correlacionar a letra da música com

a temática da roda de conversa. Quando todos e todas tiverem expressado as suas ideias sobre o tema em pauta, solicitar que os voluntários façam a leitura de alguns excertos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que estarão sinalizados nos slides, por meio do Datashow.

Na sequência da leitura, pedir que outros voluntários escolham uma bola que enfeite a sala e a fure. Quando o/a voluntário/a furar, vai perceber um papelzinho colorido com uma frase, onde estará escrito um excerto, retirado da Carta de Tolerância, de John Locke. Será solicitada a leitura deste fragmento. Quando todos e todas terminarem as leituras dessas sentenças, será pedido que cada participante diga uma palavra ou uma frase que expresse o sentimento acerca da importância do respeito às alteridades.

Para finalizar, serão distribuídos saquinhos com jujubas coloridas, em que o sentido metafórico dessa atividade final é para fazer uma alusão a apenas um verso da letra de música “Dom de Iludir”, de Caetano Veloso e Gilberto Gil, “Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”, significando que cada pessoa deve de ser respeitada em suas escolhas e vontades próprias.

No segundo dia (último momento de realização da proposta de intervenção), ainda na mesma sala de leitura, através de dinâmica da bola, só que em vez da bola, serão passadas de mão em mão, outras imagens de pessoas de templos religiosos diversos de todo o planeta, quando a música parar (canções dos chamados das diversidades religiosas), o/a aluno/a que estiver com a imagem na mão vai associar a imagem à denominação religiosa (escrita na lousa), os/as outros/as colegas podem se ajudar mutuamente nas respostas.

Na sequência, apresentar o vídeo clipe com o cordel sobre o que é Ensino Religioso. Solicitar que os/as estudantes façam comentários. Após este momento, pedir que os/as discentes façam um desenho, baseando-se na temática proposta, utilizando as folhas de ofício coloridas, e lápis coloridos. Dá um tempo para eles/elas finalizarem a atividade.

Convidá-los a socializar as suas produções artísticas, fazendo as correlações, a partir das leituras feitas, dos vídeos assistidos e de seus entendimentos sobre o assunto em pauta. A proposta de intervenção pedagógica será finalizada com a letra do cordel sobre o ensino religioso.

AVALIAÇÃO

Por fim, os participantes farão uma avaliação, através de um questionário contendo as seguintes perguntas:

- Você acha que seria interessante estender essa proposta para outras turmas? Por quê?
- De que maneira os/as estudantes do CEEP do Oceano poderiam divulgar a ideia do respeito às diversidades religiosas?
- Você acredita que essa ideia poderia minimizar o evento da Intolerância Religiosa na escola? E no entorno dela também? Por quê?
- Você acha que esse trabalho te ajudou a entender melhor sobre a importância do respeito às alteridades, principalmente no âmbito das religiosidades? Por quê?
- Você acha que este trabalho deveria ter continuidade? Por quê?
- Quais são as suas ideias/sugestões para a continuação deste projeto?
- Para você, quem deveria participar de um trabalho como este? Por quê?
- O que você gostaria que fosse acrescentado a este trabalho? Por quê?
- Teve algo que você achou que não deveria ter sido abordado durante os encontros? Por quê?
- Você gostaria de ser um fomentador do respeito às diversidades religiosas? Por quê?

RESULTADOS ESPERADOS

Ao final da realização do projeto, espera-se que as pessoas envolvidas tenham sido despertadas para o respeito às alteridades, no que relaciona-se às diversidades religiosas. Além disso, é preciso que os/as envolvidos/as tenham a sensibilidade quanto ao reconhecimento da escolha religiosa do/a outro/a. A partir

daí, entende-se que é preciso motivar a todas e todos os participantes neste contexto sociocultural à difusão da ideia de Tolerância Religiosa.

A fomentação deste trabalho, é imprescindível, por que promove a igualdade social, e há a possibilidade da mediação de conhecimentos qualificados e bem fundamentados sobre as religiões, propiciando aos participantes a conscientização acerca de seus direitos e deveres, bem como os de seus próximos. Tal proposta interventiva alcançaria um público, além do esperado, ao ponto de se estender para além dos muros da escola, minimizando o evento da Intolerância Religiosa, contribuindo assim para o bem-estar social de toda a comunidade escolar e suas adjacências.

ANEXO B — CAFÉ LITERÁRIO



CAFÉ LITERÁRIO



TEMÁTICA: INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

Profª ROSANA BISPO

PORTAS

Nesse corredor, portas ao redor

Querem escolher, olha só

Uma porta só, uma porta certa

Uma porta só, tentam decidir a melhor

Qual é a melhor?

Não importa qual, não é tudo igual

Mas todas dão em algum lugar

E não tem que ser uma única

Todas servem pra sair ou para entrar

É melhor abrir para ventilar

Esse corredor

Nesse corredor, portas ao redor

Querem escolher, olha só

Uma porta só, uma porta certa

Uma porta só, tentam decidir a melhor

Qual é a melhor?

Não importa qual, não é tudo igual

Mas todas dão em algum lugar

E não tem que ser uma única

Todas servem pra sair ou para entrar

É melhor abrir para ventilar

Esse corredor

Esse corredor



BRÁULIO BESSA – FÉ, RELIGIÃO, AMOR E RESPEITO

Respeite mais, julgue menos!
 Perdoe mais, condene menos!
 Abrace mais, empurre menos!
 Faça mais, fale menos!



E se o assunto for religião, seja razão, seja sua razão.

Mas também seja coração, aliás, seja plural, seja corações
 de todas as crenças, de todas as cores, de todas as fés,
 de todos os povos, de todas as nações!

Não transforme sua fé
 em uma cerca de arames cortantes!
 Use ela pra se transformar em alguém melhor que antes.
 Em alguém melhor que ontem!

Se transforme, transforme alguém,
 afinal, do que vale uma prece se você não vai além?
 Se você não praticar o bem?!

Pratique o bem sem olhar a quem!
 Sem se preocupar com a crença de ninguém! Pois acredite, Deus não
 tem religião também! Deus é o próprio bem!

Deixe Deus, ser o Deus de cada um!

Deixe cada um ter o Deus que quiser ter!
 Seja você! E deixe o outro ser o que ele quiser ser!

Seja menos preconceito! Seja mais amor no peito! Seja
 amor, seja muito amor!

E se mesmo assim for difícil ser
 não precisa ser perfeito.
 Se não der pra ser amor seja pelo menos RESPEITO!

Da autoria de Bráulio Bessa, Poesia com rapadura
 Acesso em Julho de 2022.
 Fonte: www.tudoepoema.com.br

MUITO OBRIGADO AXÉ

Odô, Axé Odô, Axé Odô, Axé Odô Odô, Axé Odô, Axé Odô, Axé Odô

Isso é pra te levar no Ilê Pra te lembrar do Badauê Pra te lembrar de lá

Isso é pra te levar no meu terreiro

Pra te levar no Candomblé

Pra te levar no altar

Isso é pra te levar na fé

Deus é brasileiro Muito obrigado Axé

Ilumina o Mirim Orunmilá

Na estrada que vem a cota

É um malê é um maleme

Quem tem santo é quem entende

Quanto mais pra quem tem Ogum Missão e paz

Quanto mais pra quem tem ideais e Os Orixás

Joga as armas prá lá Joga, joga as armas pra lá

Joga as armas pra lá Faz a festa

Joga as armas prá lá Joga, joga as armas pra lá Joga as armas pra lá

Faz um samba

Joga as armas prá lá Joga, joga as armas pra lá Joga as armas pra lá

Traz a orquestra

Joga as armas prá lá Joga, joga as armas pra lá Joga as armas pra lá

Faz a festa



Intérpretes: Ivete Sangalo e Maria Bethânia

Acesso em Julho de 2022.

Desça do ônibus

No episódio envolvendo os jogadores do Santos numa visita ao Lar Espírita Mensageiros da Luz, que cuida de crianças com paralisia cerebral para entregar ovos de Páscoa, uma parte dos atletas, entre eles, Robinho, Neymar, Ganso e Fabio Costa, se recusou a entrar na entidade e preferiu ficar dentro do ônibus do clube, sob a alegação que são evangélicos e não sabiam que se tratava de uma casa espírita.

Os meninos da Vila pisaram na bola. Mas prefiro sair em sua defesa. Eles não erraram sozinhos. Fizeram a cabeça deles. O mundo religioso é mestre em fazer a cabeça dos outros. Por isso cada vez mais me convenço que o Cristianismo implica a superação da religião, e cada vez mais me dedico a pensar nas categorias da espiritualidade, em detrimento das categorias da religião.

A religião está baseada nos ritos, dogmas e credos, tabus e códigos morais de cada tradição de fé.

A espiritualidade está fundamentada nos conteúdos universais de todas e cada uma das tradições de fé.

Quando você começa a discutir quem vai para céu e quem vai para o inferno, ou se Deus é a favor ou contra à prática do homossexualismo, ou mesmo se você tem que subir uma escada de joelhos ou dar o dízimo na igreja para alcançar o favor de Deus, você está discutindo religião. Quando você começa a discutir se o correto é a reencarnação ou a ressurreição, a teoria de Darwin ou a narrativa do Gênesis, e se o livro certo é a Bíblia ou o Corão, você está discutindo religião. Quando você fica perguntando se a instituição social é espírita kardecista, evangélica, ou católica, você está discutindo religião.

O problema é que toda vez que você discute religião você afasta as pessoas umas das outras, promove o sectarismo e a intolerância. A religião coloca de um lado os adoradores de Allá, de outro os adoradores de Yahweh, e de outro os adoradores de Jesus. Isso sem falar nos adoradores de Shiva, de Krishna e devotos do Buda, e por aí vai. E cada grupo de adoradores deseja a extinção dos outros, ou pela conversão à sua religião, o que faz com que os outros deixam de existir enquanto outros e se tornem iguais a nós, ou pelo extermínio através do assassinato em nome de Deus, ou melhor, em nome de um deus, com d minúsculo, isto é, um ídolo que pretende se passar por Deus.

Mas quando você concentra sua atenção e ação, sua práxis, em valores como reconciliação, perdão, misericórdia, compaixão, solidariedade, amor e caridade, você está no horizonte da espiritualidade, comum a todas as tradições religiosas.

E quando você está com o coração cheio de espiritualidade, e não de religião, você promove a justiça e a paz. Os valores espirituais agregam pessoas, aproxima os diferentes, faz com que os discordantes no mundo das crenças se deem as mãos no mundo da busca de superação do sofrimento humano, que a todos nós humilha e iguala, independentemente de raça, gênero, e inclusive religião.

Em síntese, quando você vive no mundo da religião, você fica no ônibus. Quando você vive no mundo da espiritualidade que a sua religião ensina - ou pelo menos deveria ensinar, você desce do ônibus e dá um ovo de páscoa para uma criança que sofre a tragédia e miséria de uma paralisia cerebral.

Texto atribuído a Ed. René Kivitz, cristão, pastor evangélico.

Fonte: www.alemdamateria/pensando.espiritualidade. Acesso em julho de 2022.

Tradução da canção: IMAGINE

Imagine não haver o paraíso. É fácil se você tentar
Nenhum Inferno abaixo de nós Acima de nós, só o céu

Imagine todas as pessoas. Vivendo o presente

Imagine que não houvesse nenhum país. Não é difícil imaginar
Nenhum motivo para matar ou morrer E nem religião, também

Imagine todas as pessoas. Vivendo a vida em paz

Você pode dizer que eu sou um sonhador. Mas eu não sou o único
Espero que um dia você junte-se a nós E o mundo será como um só

Imagine que não há posses. Eu me pergunto se você pode
Sem a necessidade de ganância ou fome. Uma irmandade dos homens

Imagine todas as pessoas. Partilhando todo o mundo

Você pode dizer que eu sou um sonhador. Mas eu não sou o único
Espero que um dia você junte-se a nós E o mundo viverá como um só imagine



IMAGINE

Imagine there's no heaven It's easy if you try
No hell below us Above us only sky

Imagine all the people Living for today

Imagine there's no countries It isn't hard to do
Nothing to kill or die for And no religion too

Imagine all the people Living life in peace

You may say, I'm a dreamer But I'm not the only one
I hope someday you'll join us And the world will be as one

Imagine no possessions I wonder if you can
No need for greed or hunger A Brotherhood of man

Imagine all the people Sharing all the world

You may say, I'm a dreamer But I'm not the only one
I hope someday you'll join us And the world will live as one

Fonte: LyricFind

Compositores: John Winston Lennon. Letra de Imagine © Universal Music Publishing Group

**DIA MUNDIAL DA RELIGIÃO**

No dia 21 de janeiro se comemora o Dia Mundial da Religião, que tem como objetivo incentivar a boa convivência entre todas as religiões ou, até mesmo, com aqueles que não praticam religião alguma. Neste mesmo dia, é comemorado o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, para não nos esquecermos de priorizarmos a paz e o respeito mútuo entre todos os indivíduos.

ANEXO C— SUGESTÃO DE GÊNEROS LITERÁRIOS E NÃO LITERÁRIOS COMO SUPORTES TEXTUAIS PARA A PROPOSIÇÃO DOS DIÁLOGOS INTER-RELIGIOSOS PARA A DESCONSTRUÇÃO DA INTOLERÂNCIA RELIGIOSA, COMEÇANDO NO AMBIENTE ESCOLAR

Obras literárias de:

João Ubaldo Ribeiro

Viva o povo brasileiro

Jorge Amado

Tenda dos Milagres

Jubiabá

O Compadre de Ogum

O Sumiço da Santa

Capitães da Areia

Elton da Silva Rodrigues

Com o Sol na cabeça e a voz da periferia

Caio Abreu (et all)

Cenas de intolerância

Obs.: Na atualidade, é possível encontrar um acervo muito intenso de obras literárias que abordam a temática acerca da Intolerância Religiosa, no Brasil e no mundo.

Contos

De Kotinha.

Contos dos Orixás, de Hugo Canuto

Crônicas

Preconceito e intolerância de mãos dadas, de Renata Mofatti.

Crônica sobre a intolerância, preto, branco, cristão, islã, de Franz Lima.

Poemas

Liberdade Religiosa, de Samuel Santos.

Poema religioso, de Mariana Souza.

Letras de músicas

Samba enredo: Um Canto de Fé Contra a Intolerância, 2020

Os Anjos, de Legião Urbana

Receita para intolerância e injustiça, de Renato Russo

Cordel sobre a Intolerância Religiosa, de Bráulio Bessa

Obs.: Tem um variado leque de charges e tirinhas apresentadas nos livros didáticos e nos sites educacionais, assim como podem ser encontradas também inúmeras propagandas e muitos comerciais que abordam a temática da Intolerância Religiosa, que são veiculados por meios televisivo e pelas redes sociais.